ANO 26.º — Número 1310 • O Jornal de maior expansão e defensor dos interesses de Guimarães • Domingo, 3 de Fevereiro de 1957

Director, editor e proprietário
Antonino Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4381
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Tribunal do Trabalho

Anunciei no número comemorativo do 25.º aniversário deste jornal que, tendo-me batido, em 1953, para que Guimarães fosse dotada com uma vara do Tribunal do Trabalho e uma Delegação do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência Social, iria agora lutar pela criação, aqui, de um Tribunal do Trabalho.

Surgiu, entretanto, a oportunidade de se alcançar a definitiva resolução do problema.

Com efeito, a isso dá aso a projectada Reforma dos Tribunais do Trabalho, dimanada do Ministério das Corporações, subscrita pelo respectivo Ministro, enviada, pelo Presidente do Conselho, à Câmara Corporativa, para o parecer desta, donde transitará, seguidamente, para a Assembleia Nacional.

Vai decorrer um certo lapso de tempo até que o projecto se transforme em Lei.

Mas todo esse tempo deverá ser aproveitado pelas forças vivas vimaranenses, chefiadas pelo ilustre presidente do Município, de modo a contribuirem para que se torne realidade o que é absoluta necessidade.

Conforme já acentuei, nada há, politicamente, que embarace esta pretensão.

O seu deferimento nada contende com o Tribunal do Trabalho de Braga, que se manterá.

Ao Tribunal do Trabalho de Braga, consoante se encontra, tendo competência exclusiva sobre todo o distrito, é impossível desempenhar-se cabalmente da sua missão.

Esta afirmação é irrefragável, indesmentível.

Nas instâncias oficiais pululam dados concretos que comprovam a asserção.

A projectada Reforma visa, entre outros objectivos, atingir um mais possível descongestionamento de serviços dos tribunais do trabalho; visa, essencialmente, no seu conjunto, como é óbvio, prestigiar esses tribunais, tornando-os mais céleres, mais eficazes.

E' certo que o n.º I da Base III da Reforma dispõe que em cada distrito administrativo do continente e das ilhas adjacentes haverá um tribunal do trabalho constituído por uma ou mais varas.

Parece ficar, assim, excluída a hipótese da existência de mais de um tribunal no mesmo distrito.

Também é certo, por outro lado, prever-se, no n.º 4 da citada Base, que, quando a melhor distribuição do serviço ou a comodidade dos povos o aconselhem, pode a área da jurisdição ser alterada e a sua sede fixada em localidade diversa da capital do Distrito.

Contudo, para a campanha a intentar, não há que recear a disposição hermética do n.º 1 da Base I, nem que invocar o recurso ao previsto no n.º 4 da mesma Base.

Trata-se de um mero projecto, susceptível, por consequência, de ser alterado, modificado do modo que a sua discussão faça valer como mais conveniente.

Ao pleitear-se pela resolução do problema, em face das prementes necessidades locais, tem de afastar-se, *in limine*, a ideia de que poderá bastar a instalação em Guimarães de uma vara do Tribunal distrital.

Isso nada remedearia; o problema subsistirá sem adequada decisão.

E' indispensável, sob pena de se conspurcarem os princípios que informam a sua criação, a existência nesta cidade de *um Tribunal do Trabalho*, inteiro, completo, com os magistrados e funcionários inerentes.

Também nada remediaria — continuaria o mal, mais agravado — que o Tribunal distrital passasse a ter aqui a sua sede.

Mais um Tribunal — é que se precisa.

O de aqui e o de Braga ficariam, cada um, com sua zona própria, ambas facílimas de determinar.

A instalação definitiva do novo Tribunal não ocasionaria encargos de vulto, uma vez que, como é sabido, no Palácio da Justiça em adiantada construção estão prevenidas as respectivas dependências.

O Tribunal Judicial ver-se-ia livre de centenas e centenas de deprecadas que anualmente lhe chovem do Tribunal do Trabalho de Braga, a tornar mais árduas tarefas já de si pesadíssimas.

A's entidades já mencionadas e aos deputados que representam o nosso circulo cabe, daqui em diante, o primordial papel.

JOSÉ PINTO RODRIGUES.

OBLATA

Amo-te, meu Brasil, enternecidamente,
pela tua perene e pulcra Primavera;
por essa excelsitude, ímpar, da tua Gente:
pelo Cruzeiro austral que em teu céu reverbera!

Amo-te, meu Brasil! E, de amar-te, contente
me sinto quando escuto a alguém (que te não dera
o fervor do seu sangue à comunhão crescente)
louvar-te e predizer a glória que te espera!

Amo-te, meu Brasil, por tudo que quiseste
proporcionar-me em luz, em crença, em pulcritude
nos filhos que te dei, no pão que tu me deste!

Amo-te, meu Brasil, com tal solicitude
que à herança do meu sangue eu rogo que te empreste
mais acendrado amor do que emprestar-te pude!...

Santos — Brasil, 1956.

ANTÓNIO MELGA.

Infância em ludíbrio, Juventude em revolta

NOVAIS TEIXEIRA

(Ao escrever este artigo, lembro-me com respeito do *Dr. Eduardo de Almeida*, mestre da língua, modelo de conterrâneos).

O menos que se pode dizer das juventudes encamisadas pelas pedagogias totalitárias é que não se lhes colou a camisa ao corpo. Não importa a cor! Porque ninguém chame a si as virtudes de nenhuma camisa predilecta. Seria especioso e interessado. A repugnância pela camisa cresce com a idade — é de natureza fisiológica. Afecta todas as cores e gamas do arco-íris. E' um imperativo da condição humana que não sabe de latitudes ideológicas nem de fronteiras geográficas,

A vida política dos últimos quarenta anos foi agitada, profunda e turbulenta. Conheceu oposições de todas as correntes.

O proselitismo para a arregimentação das juventudes acorrentadas aos Poderes totalitários obedecia a um só estilo. Traficava-se com o Espírito e com o Trabalho. Agia-se pelo comércio dos símbolos e dos mitos. Explorava-se a ideia de Deus e os princípios da Humanidade. Em nome de Deus, adulteravam-se os seus Mandamentos. Não se dizia: ama ao próximo como a ti mesmo, mas ama-me a mim sobre todas as coisas. O «mim» era o Chefe. Em nome do futuro da Humanidade, escravizava-se o Trabalho como nos velhos tempos dos faraós. Era o culto da personalidade, defendido ferozmente pelas forças repressivas do Estado, às que também se confiava o dogma da infalibilidade do Mestre. Surgiam os ordeiros da Desordem ferozmente organizada. Cultivava-se a Mentira e burocratizavam-se os seus servidores. Aparecia uma nova casta.

As oposições, formadas no respeito ao Direito e na crítica da razão, pensavam aterradas: uma geração educada por tais métodos, eis abalados os alicerces do mundo!

Não era menor o simplismo desse raciocínio que o dos métodos totalitários. Ambos omitiam um factor fundamental; o crescimento da criança e, com ele, o imperativo da condição humana.

Era, no totalitarismo, o culto ao dogma sem conteúdo religioso, porque todos os dogmas, que o têm, se aproximam do Homem. Mesmo ali, onde a Religião forma e conforma o Homem, como, por exemplo, na Católica, a evolução é fatal. O maravilhoso na infância é, já na adolescência, a doçura dos presépios e faz-se, nos adultos, carne de consciência. O orar a Deus não é só preceito de Doutrina, mas também conforto para o espírito. Mas, quando ao dogma falta substância religiosa e, portanto, conteúdo humano, irrompem os atributos simbólicos em forma de frechas, estrelas ou cruzes de braços retorcidos, quer dizer, o farisaismo.

A geração dos meninos encamisados seguiu as leis fatais da idade. Começou por aprender a obedecer a passo militar para terminar a trabalhar como escrava. Passando pela adolescência, os meninos fizeram-se homens. O cérebro e o cerebelo moldados no barro do comando único reagiram sob o impulso da sua matéria natural. O calor dos mitos transformava-se em calor humano. Revelavam-se à condição humana os tremendos embustes da educação totalitária. E a geração revoltou-se, não aos gritos de «Pão!», com ser muita a carência material, mas aos brados de «Liberdade!», por se sentir mais a carência espiritual.

Foi essa a evolução que fez a gesta da Hungria e a revolução da Polónia. Outras Hungrias e outras Polónias nos esperam... Revoltaram-se as unversidades e as fábricas, a cultura e o trabalho. Não é assaz significativo que as avançadas da revolta tivessem saído precisamente dos centros de educação e labor, para onde convergia, em direcção única, a pedagogia totalitária?

O certo é que essa geração se salvou da Morte. Decidida a morrer, salvou-se para a Vida! A própria Mentira já reconsidera as suas posições. Stalinegrado já não

Continua na 2.ª página.

Governo Municipal bem articulado!

Quando uma cidade, como Guimarães, quer *sair da concha*, é certo que esbarra com propriedades, representadas em casas e quintais do domínio particular.

E' natural, pois, o choque de interesses.

Há, é certo, leis reguladoras aplicáveis a estas situações. Elas tanto servem à instituição camarária, como aos proprietários, atingidos pelo risco das expropriações.

Este recurso, porém, só é utilizado, quando expropriantes e expropriados se não acomodam ao condicionamento de um ajuste pre-estabelecido.

Há, ainda, nos desacordos unilaterais, o expediente da arbitragem. De onde se conclue, na emergência destes casos: que estão postos ao serviço das partes, vários recursos.

Em tempos idos, assistiu-se entre nós a situações conflituosas entre proprietários e o governo municipal. Muitas dessas situações trouxeram o embargamento de obras de evidente interesse público, com escândalo e desprestígio municipais.

Semelhante procedimento da parte de tais munícipes, trouxe uma outra consequência: o atrazamento da nossa terra.

Não só não se progrediu, como patenteamos aos olhos de toda a gente verdadeiros aleijões citadinos, mercê dessa política de transigências e compadrios.

Essa época de *entraves*, já não subsiste em nossos dias.

Hoje, como se observa, o governo municipal é acompanhado muito de perto pela assistência fiscal do Estado.

Os grandes planos urbanísticos são traçados com o ajustamento de directrizes superiormente estudadas, facto este que dá aos Municípios a certeza de que, quando as leis vigentes não bastam para demover dificuldades de expropriações, leis especiais surgem a cortar o *nó górdio* dos obstáculos.

Felizmente que, entre nós, na presente conjuntura, a acção municipal substitue os processos da violência pelos meios mais suasórios, os quais hão conduzido, as partes, como se tem visto, a uma transigência recíproca, fazendo suster pleitos esboçados.

Não pode, pois, com verdade, dizer-se ter havido na conjuntura, — *espoliações* em vez de *expropriações*.

O que, por ventura nossa se observa, é que a Vereação, *quer andar para a frente!* Qualquer embargo, qualquer atrazamento, provoca natural desgosto ao seu impulso de marcha. E', pois, dever de todos os munícipes proprietários, ajudarem a Vereação a manter na sua Maratona governativa a... *camisola amarela*.

Nem sempre, como agora, o Município encarou nos domínios do razoável, o problema das expropriações. Já tivemos uma Vereação que compeliu certos proprietários à transacção do expropriamento, por maneira dolosa. A base, então, imposta para o preço do resgate, era a matricial. Com esta aparência de legalidade, alguns proprietários, sem recursos para se meterem em pleitos judiciais, tiveram de aceitar o... *esbulho*.

Conheço um caso, que brada aos Céus!

Felizmente, repito, não estamos hoje em presença de nenhum cometimento desta natureza.

A Vereação tem pressa em caminhar: mas, na sua pressa, não atropela ninguém.

Quem se levanta diante de si, talvez que o faça no convencimento de estar na posse de um direito convencionalmente observado e respeitado pelas leis do País, quanto ao velho direito da propriedade. Não é mau, todavia, reflexionar. São tantos os escolhos, tantas as surpresas dos litígios onde entram papel selado e advogados!...

Trago este assunto para aqui, não porque queira ser árbitro em causa de tanta magnitude e não menores suceptibilidades. Fazendo parte daquele núcleo de vimaranenses onde o amor à terra vive, em projecção de luta, bem quisera não haver motivo para impedimentos e demoras na acção do governo municipal.

Este objectivo não é difícil de alcançar, quando os problemos são postos num plano de equidade, — sem atitudes hirtas, intangíveis.

E' o caso em presença.

A. L. DE CARVALHO.

Assistência Materno-Infantil

Com a finalidade de combater a **natalidade e a mortalidade infantis**, brevemente principiará a funcionar na Santa Casa da Misericórdia um dispensário materno-infantil mediante um acordo de cooperação entre o Instituto Maternal e a referida Instituição. Para aquele efeito, funcionarão no Hospital as consultas pré-natais, de puericultura e de pediatria e promover-se-á à vacinação pelo B. C. G., salvo nos casos em que os pais ou outros responsáveis se neguem à aplicação dessa vacina, destinada às crianças alérgicas à tuberculina.

Além disso, o mesmo dispensário fornecerá leite e medicamentos, contribuindo-se assim para o revigoramento físico dos recem-nascidos e ainda para a saúde das respectivas mães, muitas vezes depauperada, e, portanto, a causa mais próxima de casos fatais como, infelizmente, se tem verificado.

Trata-se, pois, de erguer mais um Apostolado social na Misericórdia de Guimarães que, não obstante viver em precária situação económica, procura dar maior expansão à sua acção assistencial, cuja projecção se vai alargando cada vez mais com expressivos resultados a bem da saúde pública, como sucederá no caso presente em que os tratamentos pré-natais e post-natais constituirão uma modalidade de Assistência de indiscutível alcance humanitário e social.

Feita esta breve referência ao Dispensário Materno-Infantil, vem a propósito render o devido reconhecimento ao Ex.mo Senhor Dr. José Alberto Cruz, prestigioso Subdelegado Distrital do Instituto Maternal, que a este assunto tem dedicado a melhor das atenções e o mais fervoroso carinho. Por isso, justo é destacar o nome de Sua Ex.ª, assim como salientar os altos benefícios do Instituto Maternal em prol da criança e da Mãe e se é certo que o problema da Assistência, nos seus múltiplos aspectos, ainda não corresponde ao pró-

PROBLEMAS DE ASSISTÊNCIA

Uma verdadeira educação tiflológica não pode cingir-se simples e únicamente ao ensino, à aprendizagem dos invisuais em escolas próprias; a sua principal finalidade consiste em criar para os cegos *condições de trabalho, de ambiente moral e social indispensáveis à plenitude da vida.*

E' necessário iniegrar os invisuais, os cegos, na vida, no conjunto social, como seres úteis, válidos, conscientes da saa personalidade, aceitando a sua valiosa colaboração, pois que a cegueira não lhes altera, desfalca ou diminui a estrutura moral e mental.

Muitos se notabilizaram pelas suas qualidades de trabalho, de persistência, de penetrante sensibilidade — autênticos valores culturais.

Helena Keller — a cega, surda e muda — escritora distinta e notável pedagoga, Laura Bridgman, Pierre Villey, Harold Thilander, Karl Strehl, Saunderson, o nosso imortal Feliciano de Castilho, Oliveira Ramos, Artur Montenegro e tantos outros, bem podem *servir de estímulo e modelo a muitos que, tendo vista, parece haverem nascido sem ela!*

A primeira escola para cegos foi fundada em Paris em 1784 por Valentim Haüy, autor do primeiro livro em relevo.

Mas foi verdadeiramente Luís Braille quem, com o seu sistema para invisuais — a invenção da grafia em relevo — lhes abriu novos e ilimitados horizontes.

A assistência tiflológica em Portugal tem estado quase só entregue à iniciativa particular.

Com razão pergunta o distinto Professor do Instituto de Cegos de S. Manuel, J. Albuquerque e Castro, um dos mais insignes tiflólogos portugueses:

— «Onde estão, de facto, os nossos laboratórios psico-técnicos, os nossos centros de estudos e ensaios tiflológicos, a nossa imprensa braille, as nossas bibliotecas, oficinas, internatos, escolas culturais e profissionais, toda a vasta assistência aos cegos que lhes permita encontrar, em plena igualdade com os seus semelhantes, o seu ponto de tangência com a vida?»

E, contudo, existem em Portugal cerca de dez mil cegos, quantos deles entregues à preguiça, à ignorância, à miséria!

Temos pouco mais de dezena e meia de asilos-escolas para cegos em todo o território metropolitano, o que é realmente muito pouco.

E' urgente criar mais e mais escolas para as criancinhas cegas, dando-lhes uma perfeita, carinhosa e desvelada assistência.

A ginástica rítmica, corrigindo as atitudes defeituosas, a música, sobretudo o piano, *tornando-lhes mais flexíveis os movimentos da mão que será o grande instrumento de todas as suas actividades*, todos os meios pedagógicos da moderna educação tiflológica para crianças — os trabalhos manuais em arame, cartão, papel, estimulando a educação, tudo isto só é possível, enfim, em internatos, em institutos convenientemente orientados.

Prof. J. Martins Lima.

Compra de Terrenos para o Quartel de Cavalaria 6

No gabinete da Presidência da Câmara Municipal foi há dias assinada a escritura da compra dos terrenos da Congregação Religiosa do «Bom Pastor» e que se destinam à construção do Quartel para o Regimento de Cavalaria 6, nesta cidade, o que corresponde a dizer-se que prosseguem activamente as diligências para a realização daquele importante melhoramento para Guimarães.

GAZETILHA

O perigo das tascas de laranja...

Lembras-te, meu longe amor,
das laranjeiras em flor
e do seu terno perfume?...
— Era brando, e pobrezinho,
mas tão cheio de carinho,
que lhe ganhavas ciúme!...

Ele te abria, em candura,
vagos sonhos de ventura
num bonançoso porvir...
— Foram tempos decorrendo,
o perfume foi morrendo,
e o teu Sonho sem florir!...

E no alto da laranjeira
a flor casta, e feiticeira,
sempre a sorrir-te na vida...

— Mas quando, pelo teu braço,
o noivo foi dar o laço,
estava a flor... ressequida!...

.....

Nas laranjeiras pensando,
não reparei ir calcando
tredas cascas de laranja...
— E o tombo, por sina minha,
pois andava com «galinha»,
a mim soube... que nem canja!...

E ao nosso «Vitória» eu digo,
em doce cantar de amigo,
que olhe sempre para o chão...
— Há cascas, mais traiçoeiras,
que não vêm das laranjeiras,
mas causam... o trambolhão!...

Ortigão.

MUSEU REGIONAL de Alberto Sampaio

LEGADO SANTIAGO DE CARVALHO

No enriquecimento das colecções dos Museus, não é dos menos prezíveis o contributo particular. São muitos os museus que em suas salas evocam um nome que dá aos visitantes notícia das suas predilecções artísticas e do seu altruismo, legando para deleite dos vindouros preciosidades que lhe foram caras.

Pelas pequenas disponibilidades actuais, tanto de espaço como económicas, não pode o Museu Regional de Alberto Sampaio saldar devidamente a dívida que tem à memória da Senhora Dona Maria De Santiago de Carvalho, evocando o seu nome na sala em que deverá ser apresentado ao público o seu importante legado, valiosíssimo como pode julgar-se se se disser que inclui uma mobília Luís XVI, com seus adornos de porcelanas francesas e italianas, uma arca de xarão, soberba, sobre pé primorosamente talhado, uma arca gótica coberta de veludo vermelho, chapeada a ferro, uma bela colecção de pinturas em que sobressaem os nomes de Baixeras, Tambourin, Albani e há quadros atribuíveis a autores alemães; que inclui um rico tapete de Aubusson e os lustres que hão-de compor o conjunto, uma curiosa colecção de indumentária feminina em que se destaca um conjunto Luís XV, muito belo, e ainda uma curiosa colecção de leques, desde os de papel até aos de renda e aos orientais com lacas e marfins.

Carta a uma Senhora

Retardado

Minha Senhora:

Com tanta fartura de frio, só por devoção me agarro à caneta para rabiscar esta carta a fim de pôr em destaque a necessidade de um Albergue destinado a recolher indigentes e, portanto, como valioso factor da repressão à mendicidade.

Há anos, encontrando-se na Presidência da Câmara o ilustre Vimaranense sr. João Maria Rodrigues Martins da Costa (Aldão), chegou-se a pensar na hipótese da construção de um Albergue nesta cidade, assunto pelo qual também se interessava Sua Ex.ª o Chefe do Distrito, que, então, prometeu dispensar o seu valioso concurso a essa necessária e humanitária iniciativa.

Porém, apesar de não faltarem boas vontades, o assunto não passou da troca de impressões, uma vez que, infelizmente, nada de positivo se verificou, o que não quer dizer que de novo se volte a ventilar esse caso, tanto mais que se há anos se registava essa necessidade, ela continua a subsistir em todos os aspectos ligados ao imperativo que a determina.

Não desconheço a existência do Albergue distrital, mas sem a mais leve intenção de inferiorizar as suas vantagens, não me parece que essa existência possa servir de argumento irrefutável para que Guimarães não possa ter mais essa modalidade de assistência, para a qual seriam desviadas certas receitas deste concelho, que, presentemente, são destinadas ao referido Albergue do distrito.

Guimarães, que no sector da assistência ocupa um lugar de destacado relevo — e sob este ponto de vista é justo salientar os pesados encargos que para esse fim suporta a Câmara Municipal — é uma das terras do país onde se justifica a fundação do Albergue a que me refiro.

Não tenho a pretensão, evidentemente, de ultrapassar as barreiras da minha insignificância ao recordar este pormenor, relacionado com o problema assistencial em Guimarães, mas entendo ser conveniente fazer levantar do *túmulo* do esquecimento uma iniciativa que não deve ser considerada morta, sobretudo porque, como ainda há dias foi afirmado por Sua Ex.ª o Senhor Subsecretário de Estado da Assistência, em Aveiro, o problema da Assistência, abrangendo todas as suas modalidades, está a merecer do Governo a melhor e a mais positiva atenção, o que, aliás, está comprovado com actos e factos.

E são estas, minha Senhora, as melhores *vitaminas* para se combater o frio e para destruir as frieiras sem esperar pelo *pó de Maio*, pois que enquanto se pede um Albergue para suavizar os efeitos da miséria, sente-se o calor da Caridade a tornar mais quente a sensibilidade dos corações verdadeiramente humanos.

E de resto, que me perdoem os que assim não pensarem.

Janeiro de 1957. De V. Ex.ª cd.º ven.or e obg.º

X.

Justa homenagem

No dia 30 do mês passado, reuniu-se a Banda Musical do Pevidém e bem assim a sua respectiva direcção, constituída pelos srs. Aprígio da Cunha Guimarães, Albano M. Coelho de Lima, José Rodrigues Guimarães, Guilherme Folhadela Marques, Francisco José Lopes Correia e António Faria Martins, a fim de procederem à condecoração de um elemento pertencente à mesma banda, o qual completou 50 anos consecutivos de bom serviço musical. Depois de breves palavras proferidas pelo nosso conterrâneo sr. António Faria Martins, de louvor a esse elemento, sr. Francisco de Lemos, foi este condecorado com uma medalha de ouro, que lhe foi entregue pelo sr. Aprígio da Cunha Guimarães. Depois o Regente da Banda, sr. António Ribeiro de Castro, enalteceu o bom procedimento do sr. Lemos, digno de todo o louvor, afirmando ser um homem respeitador e cumpridor dos seus deveres. A homenagem terminou com um concerto na Praça Francisco Inácio, que foi muito apreciado.

Opiniões sobre Catolicismo no Brasil

Na revista católica norte-americana «The Sign», o rev. Albert J. Nevins pubiicou um estudo sobre a posição do catolicismo nas Américas. Segundo a sua maneira de ver, em toda a América do Sul, mas especialmente no Brasil, ele encontra-se em franco declínio. Apenas dez por cento — diz o rev. Nevins — dos 136 milhões de habitantes da América Latina podem ser classificados como católicos praticantes.

Referindo-se ao estudo de «The Sign», disse D. Hélder Câmara, arcebispo-auxiliar do Rio de Janeiro:

— Somos, dc certo modo, suspeitos para nos pronunciarmos a respeito das declarações do missionário norte-americano. A Imprensa tem livre acesso a todos os nossos empreendimentos e poderá dizer se é de falência a impressão que guarda da actuação da igreja. A meu ver, o missionário, partindo de dificuldades reais que somos os primeiros a reconhecer, forçou a nota e exagerou com o intuito de convencer os seus patrícios e obter donativos e pessoal para as suas missões no Brasil.

Ouvido por um jornalista de «O Globo», o rev. padre Alvaro Negromonte mostra-se mais pessimista:

— Dou razão — disse — ao reverendo norte-americano em considerar decadente o estado do catolicismo na América Latina. O abandono em que deixamos a instrução religiosa durante séculos levou as populações tatino-americanas a um simples estado de religiosidade, isto é, mero sentimento religioso sem fundo doutrinário. Descaíram, então, para a superstição, vindo dos últimos tempos, para os laços da heresia protestante e do espiritismo, hoje em franca prosperidade em quase toda a América Latina.

E acrescentou:

— Para soerguer o catolicismo, a única maneira eficiente é a intensificação do ensino religioso nas paróquias e nas escolas, obedecendo às rigorosas e instantes determinações da Igreja. Sem isto, dentro de duas gerações mais, a América Latina, inclusivé o Brasil, já não será mais terra católica. Por outro lado, é irrisório o número de padres, pois temos sete mil sacerdotes para uma população de sessenta milhões...

O mesmo jornal ouviu alguns «leaders» católicos, cujas impressões são menos pessimistas do que as do padre Regmonte.

Para o sr. Francisco Karam, por exemplo, não parece estar em declínio o catolicismo. «Os homens afastam-se um pouco da ideia de Deus, embora mantenham os princípios doutrinários da Igreja. E para o sr. Hildebrando Leal, o reverendo Alberto Nevins fala de um fenómeno que se produz na maioria dos países católicos».

Quanto à parte da falta de prática de costumes — acrescenta — estou com o reverendo. O católico no Brasil professa a sua religião sentimentalmente, antes de tudo. Não acho, porém, que a religião católica esteja em declínio na América do Sul. Entretanto, é certo que faltam padres».

Uma falta, afinal, que explica muitas coisas...

DR. EDUARDO MASCARENHAS

Foi transferido a seu pedido para a Secretaria Notarial de Sintra, o nosso prezado amigo sr. dr. Eduardo Borges Vieira de Mascarenhas, que residia em Guimarães há bastantes anos, desempenhando as funções de Notário e que aqui contava muitas amizades.

O sr. dr. Eduardo Mascarenhas teve a gentileza de nos vir apresentar, ontem, os seus cumprimentos de despedida, o que fez em palavras que muito nos penhoraram, dado que nos disse levar de Guimarães e da sua boa gente as mais gratas recordações, o que registamos com vivo agradecimento.

Apresentamos-lhe os nossos cumprimentos, com os os desejos de muitas prosperidades.

TEATRO JORDÃO

Visitou-nos na semana finda, a Companhia de Opereta Portuguesa, de que fazem parte alguns Artistas de nomeada e que representou no nosso Teatro **A Fonte do Amor**, *de luxuosa apresentação, com lindos quadros, de entre os quais sobressaia a* Fonte Luminosa, *constituindo um espectáculo de rara beleza; e a comédia* **Ele Aí Está!**, *que também agradou.*

Ambos os espectáculos, mas o primeiro principalmente, atraíram numeroso público, que gostou e aplaudiu merecidamente os Artistas.

ECOS

O óbice mais difícil de vencer, mas não intransponível, para se conseguir a expansão da área habitacional da cidade, é a barreira que lhe opõem os proprietários dos terrenos urbanizados.

São, sem dúvida, muito respeitáveis os interesses desses proprietários, mas tornam-se delicados quando colidem com as necessidades de interesse público.

O preço por que foram pagos os terrenos expropriados para as obras em curso, considera-se justo e até possivelmente além do seu real valor, em função do seu rendimento, dando possibilidades a quem vendeu, de adquirir outros terrenos de maior compensação.

Neste ponto, não há razões de queixa.

Mas, pôr entraves ou remeter-se a uma obstinada negativa, quanto à cedência dos terrenos absolutamente necessários ao bem público, são atitudes inadmissíveis.

Somos, também, proprietário de terras, e só lamentamos que o Plano de Urbanização, não atinja o lugar aonde as possuimos, porque, as cederiamos sem qualquer objecção. Com o produto da sua venda, comprariamos noutro lugar, três ou mais vezes a sua área, com um rendimento proporcional.

Não é isto, afinal, o que interessa a quem possui ou vive dos seus rendimentos?

Porque se põe, então, obstáculos ao desenvolvimento indispensável da área citadina?

* * *

Não, senhores proprietários.

Não pode a cidade, estar à mercê das vossas exageradas ambições ou aborrecidas quisílias.

O bem comum, tem direitos e negar-lhos, é coisa muito arriscada e sumamente grave.

Tem a cidade, a rara oportunidade de alcançar o que tanto almejava e não vai perdê-la, em consequência de obstáculos, que a má noção desses interesses, ferozmente se lhe opõe.

E, um caso singular, merecedor de realce, é o seguinte:

— Nas expropriações já realizadas, tem o Município encontrado nos médios e pequenos proprietários, maiores facilidades e mais inteligente compreensão do que por parte dos abastados «tierras tenientes»!

Assim é, em tudo.

Se nas aldeias servidas de maus caminhos, se pretende melhorar esses indispensáveis elementos de comunicação, é certo e sabido, que, por parte dos grandes, só aparecem entraves e negativas, enquanto, por parte dos outros menos abastados, há concordância, boas vontades e até sacrifício.

Nunca, por mão dos pequenos, veio algum mal ao mundo.

* * *

Se a negativa é objecção que a lei não permite, os senhores das terras refugiam-se, então, no preço em que a expropriação tem de pagar, segundo os seus desejos.

Daí, pedirem um custo excessivo, como se os dinheiros públicos, fossem produto de manigâncias chorudas, ou de fáceis e duvidosas negociatas.

A cautelosa e parcimoniosa aplicação desses dinheiros, é uma das qualidades indispensáveis a quem governa, porque, ele é o sangue e suor do povo. E tendo esta origem, não é à custa dele, que ninguém pode abarrotar os seus cofres, nem esperar que lhes paguem preços especulativos.

A cidade, contraiu um empréstimo, — que tem de reembolsar —, para fazer face a muitas necessidades, que ela precisa de satisfazer. Não vai malbaratar esse empréstimo em aquisições fora de preço, só para ser simpática ao forçado alienador.

Paga o que vale e o que é justo, e tem de administrar o emprego desse empréstimo, com a mais desvelada solicitude, para alcançar assim, o maior proveito, na solução dos problemas locais, que se exprimem: por o aumento da área da cidade, por novas ruas, pela expropriação de terrenos para instalação dum novo Liceu e dum quartel militar, Alamedas, bairros de casas, demolições, parques, embelezamentos, etc., enfim, um sem número de necessidades, que importam em vultuoso computo.

Quanto seria digno e louvável, se, em vez de se agenciar em proveito próprio, se procurasse facilitar as realizações desses empreendimentos que a cidade requer e todos em geral reclamam, numa demonstração de amor à terra, que tanta fortuna tem proporcionado, sem que tenha recebido o que de direito lhe é devido, como gratidão e reconhecimento.

A.

Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense

Conforme já noticiámos, comemora-se no próximo dia 10 do corrente mês o 88.º Aniversário da fundação desta Associação, com o seguinte programa:

A's 9,30 horas — Missa Estatutária, na Basílica de S. Pedro, por alma dos sócios e benfeitores falecidos.

A's 11 horas — Conferência no Salão Nobre da Associação pelo Rev. P.e Manuel de Matos, sobre o tema — «Cristo e as encruzilhadas do mundo».

Digna-se presidir a esta sessão solene o Ex.mo Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência.

Depois da Conferência será feita a costumada distribuição de bodos às viúvas de associados e prémios a diversos alunos de bom aproveitamento escolar, também filhos de associados.

Uma interessante FESTA

na nossa Escola Técnica

Promovida pela Directora do Centro N.º 4 da M. P. Feminina, que funciona na nossa Escola Industrial e Comercial, realizou-se no domingo, no mesmo estabelecimento de ensino, uma interessante festa para a distribuição de berços e enxovais a mães pobres e ainda a comemoração da Semana da Mãe, por virtude de não ter sido possivel levar a efeito esta comemoração na devida oportunidade.

A sessão registou a assistência de muitas alunas e alunos da Escola, professores e famílias, assistindo ainda os representantes de diversas instituições.

Presidiu o Professor sr. Mário de Sousa Meneses, que se via ladeado pela Directora do Centro, sr.ª D. Filomena de Jesus Capela e por outros professores e usou da palavra, para se referir ao significado daquela enternecedora festa, aludindo ao culto da família, o ilustrado sacerdote e nosso brilhante colaborador sr. Padre Manuel de Matos, que foi escutado com o mais vivo interesse e muito aplaudido e felicitado no final das suas breves mas judiciosas considerações.

Depois discursaram as alunas Olímpia Celeste da Silva Andrade e Maria Cândida Lage Salgado Baptista e o aluno José António Azevedo Ferreira Carvalho, que se referiram ao significado do acto que ia seguir-se e enalteceram a acção da sr.ª D. Filomena Capela.

Exibiram-se, depois, em interessantes recitativos, as meninas: Maria Alcinda Vieira Machado, Maria Antónia de Castro Mendes, Maria Alcinda Lima Gonçalves, Aurora Nogueira, Deolinda Rosa Ribeiro Jorge, Maria Fernanda Pinheiro de Sousa, Antónia da Conceição Costa Oliveira, Liliana Maria Leandro Lemos, Isilda Marques da Silva, Maria Otília Ferreira de Magalhães, Angelina Alves Germana, Ana Belmira Arade Bravo, Maria José de Oliveira Martins, Maria de Lourdes Ferreira de Magalhães e Maria da Fátima Machado.

Todas foram muito aplaudidas.

Seguidamente foi feita pelas meninas Maria de Fátima Machado, Maria da Assunção Machado Azenha Pires, Maria Antónia de Carvalho S. Vilas Boas e Elvira de Almeida de Almeida e Silva, a distribuição de alguns berços e numerosos enxovais a mães pobres.

Por último, usou da palavra o sr. Mário Meneses que, depois de referir-se à bela lição proferida pelo rev. P.e Manuel de Matos, a quem felicitou, louvou o esforço da Delegada do Centro, sr.ª D. Filomena Capela e bem assim a dedicação das alunas, fazendo breves considerações sobre o alto significado da festa que estava a realizar-se.

Calendários

Dignaram-se oferecer-nos vistosos calendários para o ano corrente as seguintes firmas: Casa Bezerrinho de Ouro (Couros) L.ª, do Rio de Janeiro; Casa Kopke, de que é representante nesta cidade o nosso prezado amigo sr. T. Mendes Simões; Tipografia Antunes, desta cidade; Companhia de Seguros L'urbaine, de que é representante o nosso prezado amigo sr. João Saraiva Brandão; Manuel Reis Morais & Irmão, do Porto; Companhia de Seguros «A Social» e L. P. (Defesa Civil do Território).

Agradecemos.

Morte por desastre

Quando Joaquim Martins Ribeiro, de 4 anos, filho de Hilário Ribeiro, jornaleiro, e de Maria Adelaide, doméstica, se aquecia à lareira, na freguesia de Rendufe, deste concelho, pegou-se-lhe o lume à roupa e sofreu queimaduras tão graves que veio a falecer no hospital desta cidade, para onde foi transportado.

Infância em ludíbrio

Continuação da 1.ª página

é Stalinegrado. Volta ao nome antigo. Chama-se outra vez Katovice por decreto oficial.

Vêm estas considerações a propósito do largo espaço que os jornais franceses consagram às informações de seus correspondentes em Moscovo. O exemplo da Hungria contamina fortemente as juventudes soviéticas, que reclamam esclarecimentos sobre o que ali se passou. Riem-se das expiicações dos «responsáveis». Exigem a luz da verdade! E são também as juventudes das fábricas e das Universidades. O «homo» soviético está por nascer e já agora não nascerá nunca...

Os correspondentes franceses transmitem a Paris essas notícias consoladoras, pelas quais se demonstra que a pedagogia totalitária jamais conseguiu fazer de «comunista» e «russo» duas palavras sinónimas. As correspondências passam pela censura oficial. As autoridades moscovitas não as proibem. Porquê? Por causas de ordem táctica? Possivelmente. Mas não interessa de momento esse aspecto da questão. O essencial é saber-se que germinam elementos de revolta na consciência das juventudes soviéticas, reconhecidos pelo mesmo Poder comunista que submeteu a Hungria a ferro e fogo.

Os educandos da pedagogia comunista confraternizam com os mártires do Estado Soviético. O Homem é indivisível. O sentimento da Liberdade produz desses milagres! E quem não o entender assim, não importa onde, está a abrir a sua própria cova. Já passou o tempo de colar os restos dos símbolos despedaçados. A Liberdade, inerente à condição humana, faz-se também um imperativo fisiológico. E mudar de camisa não resolve a questão.

Não vale, para o caso, traficar com Deus nem com a vida eterna. A vida eterna está na perdurabilidade do Homem. Cristo morreu pela dignidade humana. E' uma verdade cristã. Não admite traficâncias.

Atenção, pois, à criança! A criança cresce... Ludibriar a infância é incorrer mais tarde nas iras da juventude. As Polónias e as Hungrias não são senão a prova de que os meninos crescem. E todos os meninos são feitos da mesma matéria, a Norte, Sul, Este e Oeste. Das ruas de Varsóvia e das praças de Budapeste saiu, sobretudo, esse ensinamento. Oxalá que ele ilumine as ideias dos senhores de todos os Impérios! Na melhor das hipóteses, evitarão o seu suicídio.

Paris.

Ainda as Bodas de Prata do «Notícias de Guimarães»

Referiram-se mais à passagem do 25.º Aniversário do «Notícias de Guimarães», e fizeram-no em termos muito penhorantes que nos cumpre agradecer, mais os nossos distintos colegas: «A Voz» e o «Diário da Manhã», de Lisboa; a «Ordem», do Porto; «Comércio da Póvoa de Varzim»; «Aurora do Lima», de Viana do Castelo, e «O Barcelense», de Barcelos.

O sr. eng.º José Augusto da Costa Portela, de Lisboa, escreveu-nos nos seguintes termos, que registamos com profundo reconhecimento:

Lisboa, 29-1-1957.

...Sr. Antonino Dias Pinto de Castro:

Saí de Guimarães há 23 anos, onde lancei os alicerces da minha educação durante cinco.

Há doze o meu nunca esquecido amigo Padre Carlos Simões de Almeida unia até à morte este seu aluno com a filha duma ex-aluna também.

Assim continuou a enraizar-se o amor a uma terra que, sem ser meu berço, ocupa pela lei do destino três quartos do meu coração.

Admiro-a hoje, como se nela tivesse nascido!

Essas ruas, as pedras desse invencível Castelo, a paisagem verdejante que a circunda e a sua gente bairrista, tocam a minha sensibilidade, fazendo-me confessar quanta amizade nela deponho.

Ao devorar semanalmente, na justa avidez dum filho adoptivo, as notícias do seu Jornal durante dez anos, eu sinto-me na necessidade de não ficar indiferente à tão justa homenagem que lhe acabam de testemunhar, amigos e assinantes do «Notícias de Guimarães», no seu quartel de existência.

E' nesta base que eu, em espírito, associo a minha mais elevada estima, consideração e amizade como tributo modesto do seu incansável esforço, dedicação e inteligência ao «Bem de Guimarães»!

José Augusto Portela.

Assinai o NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

Câmara Municipal

SESSÃO DE 31-1-57

A Câmara, sob a presidência do sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, tomou conhecimento do ofício recebido da Direcção de Urbanização do Distrito de Braga que informa ter sido concedida a esta Câmara a comparticipação de 500.000$00 para a obra de «Construção de novos arruamentos em Guimarães».

Seguidamente a Câmara deliberou:

— Oferecer livros no valor de 200$00 à Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranense, para serem distribuídos pelos filhos dos seus associados que melhor aproveitamento tiveram nos ensinos Técnico e Primário;

— Aprovar o projecto e orçamento da importância de 36.000$00, para execução de vários trabalhos no Horto Municipal e na varanda da Escola das Dominicas e abrir concurso limitado;

— Mandar reparar a tubagem que abastece o lavadouro da freguesia de Oleiros, diligenciando-se no sentido de serem feitas investigações pela Guarda Nacional Republicana sobre os actos de malvadez que vêm sendo praticados na canalização que liga o fontenário público àquele lavadouro;

— Conceder várias licenças para obras;

— Conceder licença para colocação de um reclamo luminoso, dupla-face, na Rua Paio Galvão, à Têxtil Nortenha, L.ª;

— Adquirir à firma Pinto da Costa, L.ª, de Freamunde, diverso mobiliário e material didáctico para as escolas deste concelho, por ser a que melhor preço apresentou;

— Adjudicar a mudança do portão de entrada do balneário da Companhia dos Banhos de Vizela, para o local já assinalado no mesmo muro na Rua D. Ana de Sá, a Manuel Martins Pereira, pela quantia de 2.800$00, por ser a proposta mais vantajosa;

— Adjudicar o fornecimento de vasos para o Horto Municipal a Albino Francisco de Sousa, pela importância de 5.800$00;

— Vender a Joaquim Pereira, pela quantia de 156$00, as varreduras da feira de suínos da Vila das Taipas, com o compromisso de limpar o referido largo nos dias de feira;

— Aprovar, em princípio, e pôr em reclamação o 1.º orçamento suplementar ao orçamento ordinário deste Município.

Convocação de Assembleia Geral Extraordinária

Fica por este meio convocada, nos termos e para os efeitos dos art.os 41, § 1.º da Lei das Sociedades por Quotas e 181 do Código Comercial, uma assembleia geral extraordinária da sociedade por quotas, de responsabilidade Limitada, «João Ferreira das Neves & Filhos, L.ª», com sede no Largo do Toural, da Cidade de Guimarães, que terá lugar no edifício da sede social no dia 11 de Março do ano corrente, pelas 17 horas, afim de se tomarem deliberações sobre a seguinte:

ORDEM DO DIA

a) Aumento do capital social;
b) Alteração do Pacto Social da matéria referente aos artigos 3.º, 4.º, 5.º 6.º, 7.º, 9.º, 10.º, e os seus parágrafos;
c) Redução das deliberações tomadas a escritura pública.

Guimarães, 31 de Janeiro de 1957.

Os Gerentes de «João Ferreira das Neves & Filhos, Lid.ª» 59

João Ferreira das Neves

Manuel Ferreira das Neves.

(Segue o reconhecimento)

ALVA ACTIVA

A PASTA DENTÍFRICA que oferece agora aos seus consumidores um sensacional seguro grátis contra acidentes pessoais no valor de 5.000$00 por cada tubo gigante adquirido.

Tubo gigante, 20$00.

À venda nas farmácias e drogarias. (62)

AGENTE NO CONCELHO DE GUIMARÃES:

M. MARTINS

C. Amarelas GUIMARÃES

prio imperativo da Consciência Nacional, certo é também que tem feito acentuados progressos, sobretudo naquelas terras em que as necessidades da Assistência não vivem na obscuridade, isto é, relegadas para plano secundário para que, apenas, outras realizações possam ter a desejada primazia.

Bem hajam, pois, todos os que consideram a Assistência Social o problema máximo ainda a resolver em Portugal, porque é no corpo desses que se reflecte a formosura da sua Alma.

M. MENESES.

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

Acção Particular nos Museus

Enquadrado num cenário admirável, tendo ao fundo o perfil das penedias e das fragas duma das mais belas serras de Portugal e, em frente, o panorama vasto e deslumbrante que abraça as terras beirãs de Viseu ao Buçaco e de Mangualde a Santa Comba Dão, com o maciço imenso da cordilheira, da Estrela, ao longe,

Cabeça de Tarahumara, do escultor José Cañas

a recortar a linha do horizonte, para lá das cerradas manchas de pinhais e campos cultivados, eleva-se o Museu do Caramulo, cuja construção estará muito em breve concluída, num conjunto imponente de massas de granito, que se impõem pela solidez, pelo equilíbrio e pela sobriedade.

É por todos os títulos admirável esta obra monumental que se deve à iniciativa e à tenacidade, ao espírito esclarecido e à devoção de particulares, e tem como fundamento moral e alicerces materiais dignificantes sentimentos de renúncia e generosidade.

Impressiona a vertiginosa progressão deste empreendimento único no género, que nasceu há três anos apenas e já se encontra numa situação de prosperidade e de prestígio que se impõe, chega até a comover a comparação das suas novas instalações que obedecem aos requisitos da mais moderna museologia, e da pequena, acanhadíssima e já insuficiente sede provisória.

Nesta se encontram raríssimos espécimes de arte antiga e moderna, seleccionados e apresentados com muita competência e bom gosto, entre os quais se destacam obras representativas de artistas famosos, tais como Picasso, Chagall, Dufy, Luçart, Leger, Miró, Dali, Vieira da Silva, etc.

Este conjunto é único no País, e representa, dadas as altas cotações internacionais dos referidos artistas, um património de elevadíssimo valor.

Na salinha da arte contemporânea destaca-se, entre esculturas de Clará, Leopoldo de Almeida e Barata Feio, a vigorosa *Cabeça de Tarahumara* de José Cañas, premiada na última exposição bienal de Barcelona, que ostenta, na respectiva tabela, a frase «*oferta da Shell Portuguesa, S. A. R. L.*».

Não pode deixar de causar surpresa ao visitante esta legenda, porque não se está habituado a ver empresas industriais e comerciais destinar somas avultadas a motivos de cultura artística.

E este caso excepcional é tanto mais interessante e louvável quanto a oferta é de Junho passado e até hoje não foi feita acerca dela qualquer espécie de propaganda ou publicidade, o que prova ter sido a referida empresa movida apenas por intuitos desinteressados de pura generosidade, consciente de que se impõe colaborar numa obra de objectivos tão elevados.

Por isso não só está de parabens o Museu do Caramulo, mas, igualmente, a Shell Portuguesa, pela sua bela acção.

O gesto, inédito entre nós, não vale apenas pelo significado, mas também pelo magnífico exemplo que dá, e que não deve deixar de registar-se, pois se outras empresas oferecessem a sua colaboração neste mesmo sentido aumentar-se-ia conderàvelmente o património artístico da Nação.

Nos tempos angustiosos e turbulentos de materialismo que vão correndo, consola verificar a existência, na nossa terra, de um organismo económico, sem dúvida consciente da autêntica função que lhe compete quanto à sua actividade e ao emprego dos rendimentos do seu capital.

A Shell Portuguesa provou, magistralmente, com a oferta que fez ao Museu do Caramulo, estar à altura da sua verdadeira missão social.

O progresso cultural dos Estados Unidos da América do Norte é devido, em parte, aos grandes capitais de entidades particulares concedidos aos museus e às universidades que formam e cultivam o espírito do povo e das elites.

O Museu do Caramulo, que é o nosso museu dos particulares, tem a noção do papel que lhe incumbe desempenhar fora da acção do Estado; e, por isso, está realizando uma obra de extraordinário alcance patriótico. Assim a compreendam e secundem, além dos doadores particulares, em número já muito avultado, outras organizações que, como a Shell Portuguesa, entendam só ser possível, em boa verdade, fomenter a riqueza de um país valorizando-o nos seus aspectos materiais e, conjuntamente, espirituais.

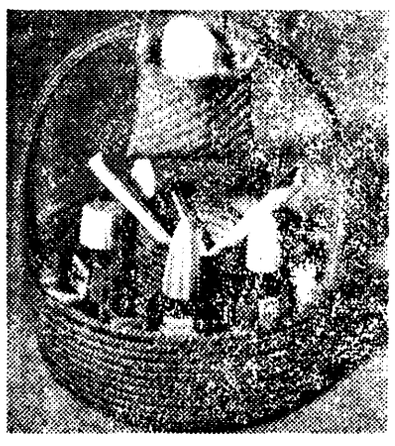
Caramulo, 30 de Dezembro de 1956.

(Transcrito do *Diário de Notícias*).

LUÍS REIS-SANTOS

Cesto de Manicura

É possível manter reunidos os utensílios de manicura, recorrendo-se a um cesto de palha, com asa, tendo ao centro uma espécie de godé circular também em palha.



O cesto será guarnecido da seguinte maneira: — depois de cortar, em redondo, um cartão forte, das dimensões do fundo, reveste-se esse cartão de cetim, fazendo um folho à volta, que ultrapassará, ligeiramente, a borda do cesto.

No godé, colocar-se-á a lima, a tesoura, o alicate; e entre o godé e o folho, os frascos do verniz e da acetona.

Um pequeno saco, também de cetim e cosido no cimo da asa, servirá para guardar o algodão.

As gorduras e as doenças do coração

Embora os cientistas de muitos Países afirmem que as gorduras geralmente usadas, constituem uma das mais importantes causas das doenças cardíacas, os investigadores da Escola Médica da Universidade da Cidade do Cabo realizaram experiências pelas quais se verifica que apenas as gorduras de origem animal são prejudiciais para a saúde, ao passo que as gorduras vegetais e as de peixe são, pelo contrário, benéficas.

O centro clínico de investigação de assuntos de nutrição daquela Escola Médica fez um estudo do grau de frequência de doenças cardíacas entre os diversos grupos raciais da Península do Cabo. Este estudo revelou que a maior frequência destas doenças era entre os brancos, menor entre os indivíduos de cor e rara entre os de raça Bantu.

A frequência tinha correspondência directa com o consumo de gorduras animais pelos diferentes grupos étnicos.

Uma das teorias muito espalhadas acerca das causas das doenças cardíacas consiste em que o excesso de gordura no sangue tinha tendência a acumular-se nas paredes das artérias, obstruindo assim o fluxo do sangue.

Após ter completado o seu estudo entre os grupos raciais, o Centro de Investigação da Cidade do Cabo estudou a diferença entre os efeitos das gorduras animal e vegetal.

Utilizando voluntários—«cobaias» humanas — os investigadores verificaram que apenas a gordura animal aumentava a dosagem de gordura no sangue.

Seguiu-se, depois, uma descoberta sensacional: os óleos vegetais pareciam ter uma acção contrária sobre a dieta de gorduras animais. Quando uma das «cobaias» era alimentada a ovos cozidos ou escalfados, o teor de gordura no sangue subia, em virtude da gordura animal contida nos ovos. Mas quando o ovo era cozinhado em certos óleos vegetais, tal como o extraído do girassol, o teor de gordura no sangue tornava a baixar.

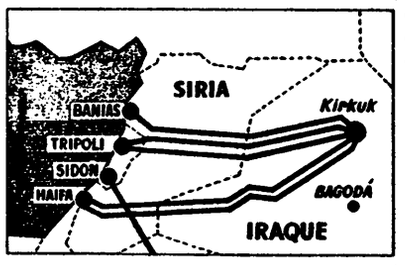
Por fim, registou-se uma segunda descoberta importante: o consumo de peixe era ainda mais eficaz para manter baixa a quantidade de gordura prejudicial no sangue.

AS CONSEQUÊNCIAS DA SABOTAGEM DOS «PIPE-LINES» DO IRAQUE

O petróleo do Iraque deixou de afluir ao Mediterrâneo. De facto, devido aos estragos produzidos, por sabotagem, nas estações de bombagem do Iraq Petroleum Company, na Síria, a utilização dos três «pipe-lines» de Kirkuk até ao mar limita-se agora ao envio do petróleo necessário aos pontos do Iraque onde é consumido localmente. E também do petróleo bruto destinado à Refinaria de Daura, perto de Regodá.

Fora previsto, muitas semanas antes da rota do Suez se ter tornado impraticável, que poderia suscitar-se uma grave situação para as refinarias da Europa Ocidental. Também se previu que, na hipótese da rede de «pipe-lines» do Iraque até ao Mediterrâneo ser utilizada, a situação se tornaria ainda mais grave.

É natural, portanto, que essa situação — tal qual como se apresenta actualmente — provoque a maior ansiedade. Mas se é séria para a Europa Ocidental, revela-se ainda mais perturbadora para os países do Médio Oriente cuja estrutura económica se apoia, inteiramente, nas receitas provenientes de petróleo.



Diagravura dos "pipe-lines" que ligam Kinkunk ao mar

De facto, o Iraque, por exemplo, organizou a sua existência, como nação independente, partindo do princípio, aliás justificado, que os réditos proporcionados pelo petróleo não cessariam de aumentar. Esses réditos atingiram, em 1947, 14.300.000 libras; em 1952, 33.000.000; em 1953, 51.300.000; em 1954, 68.300.000; em 1955, 73.800.000. O governo iraquiano esperava, em 1956, ultrapassar uma receita de oitenta milhões de libras — ou seja cerca de 70 % dos réditos nacionais.

Assim e partindo da premissa de que o rendimento do petróleo aumentaria sempre, a Repartição de Desenvolvimento Iraquiano estabeleceu, em 1950, vastos planos para o controle das cheias, irrigação, construção de estradas, hospitais e escolas. Ora se a interrupção do fluxo do petróleo de Kirkuk, ou dos campos petrolíferos de Ani Zalah, se prolongar, muitos destes planos terão que ser adiados ou modificados. Alguns terão até de ser postos completamente de parte.

Mas não será apenas a Repartição de Desenvolvimento, que recebe 70 % das receitas do petróleo, que sofrerá. O Tesouro de Bagodá, a quem cabem os remanescentes 30 % e os distribui pelas outras repartições do Estado iraquiano, também ficará grandemente prejudicado.

O mecanismo financeiro do Governo entrará, então, em crise. Registar-se-ão cortes em todos os sentidos e os planos de desenvolvimento local, tal qual como os de carácter nacional, serão adiados. O Iraque voltará assim à situação de país subdesenvolvido em que estava no começo de 1930, quando nem uma só gota de petróleo iraquiano fora exportada.

Retrogradar é sempre uma coisa pouco agradável mas, para o Iraque, seria altamente prejudicial, visto que o país — pelo uso adequado que os seus estadistas têm feito dos rendimentos do petróleo — habituou-se já a certas comodidades e mesmo a um vislumbre de «boa vida».

O Iraque seria ainda afectado no plano cultural pois que ambiciona, neste aspecto, colocar-se na vanguarda do Mundo árabe. E sem seguro apoio financeiro qualquer empreendimento, neste âmbito, estará condenado a total insucesso.

Claro que os efeitos da interrupção do afluxo de petróleo ao Mediterrâneo e, portanto, do declínio das receitas, não serão imediatamente sentidos pelo povo iraquiano.

Há um provérbio no Médio Oriente que diz: «Os sentidos dos árabes residem nos olhos». Assim, para aqueles iraquianos que nunca viram um poço de petróleo, a não ser no cinema, ou um grupo de geofísicos a trabalhar ou um separador de gás, a compreensão dos prejuízos derivados da sabotagem dos «pipe-lines» não é tão imediata como para os iraquianos empenhados nas actividades das companhias petrolíferas ou directamente beneficiados por essas mesmas actividades.

De facto, a refinaria de Daura continuará a receber o petróleo bruto de Kirkuk, convertendo-o em gasolina, petróleo de iluminação, gasóleo ou *fuel-oil*, de acordo com as necessidades da população do Iraque. Inclusivamente não haverá quaisquer restrições nos transportes e os camponeses continuarão a poder adquirir, livremente, a gasolina destinada às suas bombas de tirar água.

Mas, a pouco e pouco, o povo aperceber-se-à da situação. E isto por que a construção daquela escola prometida não se iniciou. Tão pouco a do hospital, ou a de uma estrada ou ponte. Coisas com que contavam e falharam por falta de verba.

E, mantendo-se os «pipe-lines» impedidos de funcionar, em todas as cidades, todas as vilas, todas as aldeias, e até no deserto se sentirá que o Governo iraquiano se encontra em dificuldades financeiras.

A prosperidade do Iraque está irrevogàvelmente ligada ao petróleo e não há nada, no país, que substitua o precioso líquido. Sem petróleo, todos aqueles que sonham com o progresso da nação iraquiana não passariam de meros visionários.

Saliente-se, no entanto, que nada aconteceu quanto ao petróleo produzido na parte Sul do Iraque, e que Basrá mantém uma exportação anual de 8 milhões de toneladas. Mas o que são oito milhões de toneladas, exportadas de Fao, comparado com os 25 milhões exportados via Banias e Tripoli?

É de esperar, pois, que o afluxo de petróleo iraquiano ao Mediterrâneo seja restabelecido o mais depressa possível para que a notável transformação sofrida pelo Iraque — talvez a mais nítida em todos os países do Médio Oriente — prossiga.

SERVINDO A LAVOURA

A propósito de Insecticidas

Em torno da utilização de insecticidas tem-se talvez difundido pelo público em geral um certo número de ideias, por vezes não totalmente verdadeiras, desde a forma que se consideram os perigos de intoxicação para o homem decorrentes do emprego dessas substâncias, até à leviandade com que se fazem tratamentos de extermínio total dos insectos.

É um facto que a maior parte, senão mesmo a totalidade, das substâncias de acção tóxica para os insectos o são também, em maior ou menor grau, para o homem. É verdade que a ingestão, a inalação ou mesmo a absorção através da pele de doses superiores a certo nível, de materiais insecticidas comuns como D D T, dieldrin, BHC, lindane, etc., etc., é susceptível de provocar perburbações graves, porventura até a morte. O realmente importante, no entanto, não é saber que são tóxicas as matérias activas de que se parte para a formulação de produtos destinados a utilização pelo público: é muito especialmente a verificação de que nas condições de emprego proconizadas os produtos não sejam susceptíveis de causar dano.

Os agricultores, ao realizarem tratamentos, devem seguir sempre as instruções dos fabricantes de modo a que eles próprios e o seu pessoal não incorram em desnecessários riscos. O público consumidor em geral, preocupa-se especialmente com a questão dos resíduos de insecticida deixados sobre os produtos agrícolas de que ele se irá alimentar: estamos todos de acordo em que o ideal seria conseguir eliminar os menores vestígios de insecticida dos produtos alimentares, e tal tem sido possível em muitos casos. Noutros, porém, haverá vestígios de insecticida, que poderão ser detestados por delicadas técnicas de análise, e que importa manter abaixo de certo nível (o facto de uma substância ser tóxica não quer dizer que não possa ser tomada sem perigo em doses muito pequenas: é o que acontece, aliás, com tantos medicamentos). Esta questão de manter os resíduos abaixo de certo nível é da mais alta importância para a saúde pública, pelo que o agricultor, ao preparar as suas caldas, não deve aumentar nunca as doses recomendadas.

Os, embora difamados, insecticidas sintéticos foram um dos mais decisivos passos em frente no sentido da melhoria das condições de vida da humanidade. Calcula-se que o D D T, só nos três primeiros anos do seu emprego (1942-1945) tenha poupado cinco milhões de vidas, além de ter evitado a malária, e outras doenças transmitidas por insectos, em cem milhões de pessoas. Até ao fim de 1952, no entanto, apenas se tinham verificado 14 mortes devidas a acidentes com o insecticida. Na Grécia, desde 1940 até 1945 morriam por ano cerca de 4.000 pessoas com malária. Morreram apenas sete em 1951. Na Itália passou-se de 400.000 casos de malária em 1945 para 390 em 1951.

Não são então perigosos os insecticidas? Encaremos de frente o facto de que vivemos num mundo perigoso; só nos U. S. A., e em 1949, a aspirina matou 70 pessoas, os produtos petrolíferos 117 e os barbitúricos (comprimidos para dormir) 466. Deveremos pôr «fora de lei» tais produtos? Ainda nos U. S. A. o alcoolismo matou 2.433 pessoas em 1948. Se até os automóveis causaram nesse país em 1951 37.300 acidentes fatais e 1.250.000 acidentes não fatais...

Lidamos com coisas muito mais perigosas de que os insecticidas sem que isso nos emocione: lidemos pois sem alarme com estas substâncias, embora sabendo que se trate de produtos que devem usar-se sempre cuidadosamente e seguindo as instruções dos fabricantes.

O outro aspecto do emprego dos insecticidas, sobre que se fala menos, mas de não menor importância, é a questão da destruição imprudente de insectos úteis. De facto, a destruição pura e simples de todos os insectos de uma dada região corresponde sempre a um mau tratamento, muito embora o agricultor esteja, no geral, convencido do contrário.

É que entre as diferentes espécies existe um equilíbrio, no sentido de que se controlam recìprocamente no seu desenvolvimento. A destruição de insectos úteis pode acarretar que um segundo ataque da praga tome proporções bem maiores do que o primeiro. Pode acontecer mesmo que, para inteira segurança, se deva repovoar com as espécies úteis o local onde se utilizou um insecticida total.

Este é um dos tais casos em que só o conselho do especialista pode indicar o caminho mais conveniente a seguir. O agricultor não deve hesitar em aconselhar-se com técnicos competentes e, mesmo que lhe cause estranheza o conselho recebido, siga-o escrupulosamente. Procedendo deste modo terá por certo prestado um bom serviço à comunidade em que vive.

(Do *Boletim Agrícola*, publicação mensal da Shell Portuguesa).

MISCELÂNEA

A utilidade da bengala

O autorizadíssimo *The Lancet*, jornal inglês que se dedica exclusivamente à Medicina, afirma num dos seus últimos números que os homens devem voltar a usar bengala. E salienta. «A bengala é o mais velho, o mais barato, o mais simples e o mais efectivo dos instrumentos médicos inventados até hoje».

A bengala, prossegue *The Lancet*, auxilia o homem a manter-se direito, assegura o equilíbrio da marcha e acima de tudo obriga-o a andar em vez de utilizar, constantemente, automóveis, autocarros e «eléctricos».

«Os homens devem pôr de parte a ideia, em voga nos nossos tempos, de que uma bengala é símbolo de enfermidade. Pelo contrário: devem considerá-la como uma amiga», conclui o jornal.

Respondendo a «Uma explicação da firma Bernardino Jordão, F.os & C.a, L.da»

Não pretendeu a signatária, quando solicitou a V. Ex.a, a publicação do seu escrito «A propósito de um Esclarecimento» no conceituado Jornal que V. Ex.a tão distintamente dirige, estabelecer polémica jornalística ou contribuir para interessadas propagandas — nem o pretende agora — pois volta ùnicamente para desfazer confusões e rectificar.

Antes de mais, mantém a afirmação feita de que as tarifas da firma Jordão aplicadas à área da sua concessão ocasionariam considerável agravamento à grande maioria dos seus consumidores e fariam, consequentemente, vantagem para a signatária.

Ao afirmá-lo, referiu-se a signatária só à *distribuição de energia eléctrica para usos domésticos e estabelecimentos comerciais* — problema em causa no «Esclarecimento» da firma Jordão.

Mas, como esta resolveu incluir também a energia industrial, diremos que, pela identidade de condições, tal inclusão serve de igual modo o nosso ponto de vista.

Porque — pelo menos até certa altura — tudo tem sido fácil para a firma Jordão, também ela não precisou de grandes operações aritméticas para concluir que o nosso preço médio em 1955 «foi à roda de 1$00».

Simplesmente, e como tantas vezes acontece quando se procede com ligeireza, errou os seus cálculos, sendo lamentável que em assunto de tanta monta não tivesse feito uma observação mais cuidada, que, certamente a levaria a concordar com o nosso esclarecimento e lhe impunha o dever de elucidar o público com lealdade e verdade.

Sempre enredada em seus enganos e confusões, a firma Jordão põe em confronto o que aponta como nosso preço médio — 1$00, com o que cita de $64,4 como sendo o seu preço médio em 1955!

Abstraindo do preço médio que resolveu atribuir-nos (o qual, anote-se, está muito afastado da realidade), diremos que não é novidade para ninguém que as suas tarifas *eram em 1955 as mais baixas do concelho.*

Porém — e esse é o ponto essencial da controvérsia — já não podem hoje ostentar esse título, mal se compreendendo, assim, que se façam confrontos baseados em tarifas e consumos de 1955. Não.

Para os confrontos que pretende estabelecer teremos todos de esperar pelos números do ano corrente (1957), pois só esses nos indicarão — sem pressas e facilidades da sua simpatia — o preço médio das actuais tarifas e a influência que o agravamento respectivo terá no consumo, convindo, no entanto, ter desde já presente que o agravamento é de cerca de 30 %, não sendo, assim, difícil de calcular para onde irá o falado preço médio...

Depois de indicar alguns preços baixos, de dizer que outros pagam mais caro, e de confessar que há quem não passe do 1.º escalão e quem não consuma mais do que os mínimos, etc. — circunstâncias que nenhum interesse têm para rebater a nossa afirmação — diz a firma Jordão: «Com a força motriz agrícola dá-se o mesmo».

Aqui, como no resto, só palavras, donde a necessária conclusão de que se mantém tudo quando afirmamos no tocante às desvantagens que para os consumidores agrícolas resultariam do regime tarifário da referida firma.

Sobre contadores, não quis compreender a nossa afirmação de que *facultamos* aos consumidores a sua aquisição. Qualquer dicionário ensina que facultar significa: tornar fácil, conceder, permitir, *deixar fazer ou não fazer uma cousa.*

Esperamos que compreenda, agora, terem os nossos consumidores dois caminhos possíveis: instalação do contador sem mais nada terem a pagar, os que podem dispor da quantia correspondente ao seu custo; opção pelo regime de aluguer — que também praticamos — para os que não possam ou não queiram fazer aquela aquisição.

Confessa e aceita a firma Jordão que as ligações à nossa rede são económicas, acrescentando que seria para estranhar o contrário, pois já auferimos «lucros mais que suficientes na venda da energia». Isto é falar... para não ficar calado.

Nesta matéria, como no mais, limitamo-nos a cumprir o que está regulamentado, cobrando ùnicamente o preço dos materiais, respectiva mão de obra, e nada mais, *sem abusarmos da condição de instaladores exclusivos,* com o que contribuímos para a tal maior expansão de electrificação, como se encontra bem demonstrado pelo elevado número de novas ligações que fazemos anualmente.

Rejubilem os candidatos a consumidores da firma Jordão, pois, agora, com tarifas cujo preço médio é superior ao nosso, vão ter também ligações a preços razoáveis, já que no dizer daquela firma, os lucros são mais que suficientes e não haverá justificação para exageros.

O problema das tarifas degressivas é por demais complexo para que o possamos apreciar aqui.

Como todos os sistemas têm as suas vantagens e os seus inconvenientes.

Importa sobretudo acautelar que dele se não use com fraude ao sentido social que o deve animar.

E tal acontece quando o preço do 1.º escalão e os limites da sua aplicação são elevados. Não se consome o que se quer, mas apenas o que se pode...

Por isso, as chamadas tarifas degressivas trazem vantagens aos grandes consumidores, mas os pequenos consumidores são duramente afectados.

Pensamos ser esse o caso da nossa área, como já demonstramos em nosso primeiro escrito, no qual com a aplicação das tarifas da firma Jordão, *muitos* serão agravados — os de reduzido consumo, logo os mais desprovidos de recursos — em benefício dos grandes consumidores que, infelizmente, aqui se contam por poucos, os quais, efectivamente, obteriam a energia a preço mais baixo. E, quanto a nós, o defeito das tarifas degressivas quando o preço do 1.º escalão é sensìvelmente agravado, como o seria na nossa distribuição — 1$60 para 2$20.

De resto, e para finalizar, — o que aliás se pode inferir do que temos dito, — nós estamos prontos a aplicar imediatamente as tarifas actuais da firma Jordão na área que servimos, se isso nos for superiormente determinado, o que faremos com interesse pelas razões já expendidas, relegando, porém, para quem o ordenar, as lamentações dos consumidores que vão ser afectados e são em número muito elevado.

E, assim, pomos ponto final nesta ligeira controvérsia, que tem como único intuito não deixar passar sem o nosso reparo uma afirmação que carecia de ser rectificada.

Continue a firma Jordão com a sua apressada leitura e errada interpretação dos dados estatísticos que tanto a encantam — alguém chamou um dia à estatística a forma mais perversa da mentira... preferindo nós — e connosco o público consumidor — as claras realidades de todos bem conhecidas.

Pevidém, 24 de Janeiro de 1957.

Empresa Industrial do Pevidém, Ltd.ª

A Gerência.

Crónicas para maiores de 50 anos

O que mais enternecidamente evocamos, eu e os meus contemporâneos, são os momentos (ai de nós que só foram momentos) da menínice, em que meninos e meninas, de babeiros, nos juntávamos nas brincadeiras.

Essa ditosa época da vida em que contrariedades já iam aparecendo e desapareciam com a mesma rapidez, sem deixar qualquer rasto!

Havia-as como a de nos obrigar a comer a sopa, a detestada sopa, que às vezes era o caldo de nabos com aquelas largas rodelas, que picavam a língua, feijão branco e carne de porco, que agora, nesta altura da vida, servido em malga, de boroa esfarelada e comido com garfo, é uma das mais deliciosas entradas dum almoço, e a saborosa «modinha» emborcada no fim.

Ainda havia o óleo de fígado de bacalhau, que era um martírio para se engulir, e até se fechavam os olhos para não ver a colher, e a Emulsão de Scott, num frasco que ostentava um homem com um grande bacalhau às costas.

Tudo isso desapareceu e agora a petizada tem gotas, pílulas e injecções, rebuçados medicinais e outras gulodices que disfarçam aquelas burundangas que nós tomávamos.

Até a Salsaparrilha do Dr. Ayer, que todos nós esquecemos e juntamente os calendários que as farmácias distribuíam.

E afinal parece-me que nós éramos mais saúdáveis e só passávamos pelo «sarampelo» e as «bichas», que se combatiam com rebuçados de Satonina, ou uns pós que os boticários dividiam em papelinhos — os poses para as bichas —, e como precaução se trazia à noite um rosário de dentes de alho, enfiado no pescoço.

Tirante isto não me consta que a rapaziada sofresse de qualquer outra doença, a não ser, lá de longe a longe, no tempo da fruta, a sua dorzita de barriga, e agora qualquer bujego ou nascida, e mesmo uma constipaçãozita, são logo pretexto para uma tremenda dose de tantos milhões de unidades de penicilina, que se aplicam mesmo sem consultar o médico.

Ora desse tempo eram as danças de roda, de que já apontei algumas, e agora me lembra uma que sou capaz de apostar com as minhas contemporâneas, e contemporâneos, não lhes passou pela lembrança nestes quarenta anos mais pegados e que, no entanto, lá lhes ficou num recanto da memória.

Pequenos e pequenas, dando-se as mãos, rodeavam uma menina que se sentava no chão, fingindo que costurava, e então os da roda cantavam, rodando:

«Costureirinha galega,
Tu qu'estás,
Tu qu'estás
A costurar?»

E a pequena respondia:

«Um lencinho de três pontas
Para dar,
Para dar
Ao general».

Ora este general aqui metido nas cantigas da pequenada é que presentemente me faz espécie, não tanta como o lenço de três pontas, ainda assim também de considerar como nota de possível indumentária de então, bem como o facto da costureirinha ser galega.

No nosso tempo de meninos só havia em Guimarães dois generais — o Noronha e o Chaby — que ambos comandaram o velho 20, e todos conhecemos.

Um, o general Noronha, que morava na Porta da Vila, era um homem alto, de aspecto marcial e parava pela barbearia do Toural, a única que ali houve, sempre com a mesma aparência.

O outro, o general Chaby, que morou nos Palheiros quando comandava o Regimento, era baixinho, de pêra e bigode, de calça esticada a cair-lhe sobre os esporins.

E nós, a pequenada, julgávamos que o tal lencinho de três pontas fosse para um destes generais.

E, afinal, ainda pergunto:—como se introduziu um general nas cantigas das crianças?

Já agora, mais umas cantigas do nosso tempo e que por certo esqueceram e só haverá vantagem de recordar para se não perderem.

Uma delas teve voga certo tempo e não sei a que propósito apareceu e muito se cantava:

«Aurora tem um menino,
Tem um menino
De quem será?
Enquanto o menino chora
Chora e não chora,
Aurora o dirá».

E ainda outra:

«Ó Helena eu pedi-t'um beijo
Ó Helena eu pedi, pedi,
Passaste, não me salvaste
Nem p'ra mim olhaste,
Mas eu bem te vi».

Note-se o emprego da encantadora palavra «salvaste» a significar esse termo rude e inexpressivo de — cumprimento.

Já se perdeu essa palavra doce, respeitosa e terna de «salvação» com que nas aldeias, último refúgio do bom português, as Mães diziam aos Filhos:

«Dá a salvação aqui a este senhor».

E para terminar esta citação de cantigas do nosso tempo uma quadra ouvida no desafio de cantadores numa romaria aqui dos arredores, no tempo das romarias, dos cantadores e dos desafios:

«Tenho trezentas navalhas,
Quatrocentos canivetes,
Ó cantador afamado
Olha lá com quem te metes».

Ora isto não será o mesmo que essas declarações de estadistas de aquém e além cortina de ferro, nesta romaria internacional, que parece já estar na altura de puxar pelos lódos?

* * *

Outra recordação, por certo já muito no escuro da memória, e que por aí andava a exibir a sua deformidade com a inconsciência da sua tara de aborto, enfezado e atrasado no crescimento de pobre diabo, enjeitado na Roda da rua de Santa Luzia, Roda que ainda é do nosso tempo e de cuja localização ainda me recordo, como creio que todos os contemporâneos.

Era o «Rendido», creio que João, que serviu a uma quadrilha para assaltar o Museu da Sociedade de Martins Sarmento e dali levar parte do recheio de Numimática.

O Rendido era muito pequeno, apesar de ter talvez uns vinte anos, e foi-lhe aproveitada esta circunstância para se introduzir por umas grades e depois abrir as portas aos ladrões.

Há quantos anos sucedeu isto?

Talvez há uns 50 e tal, perto de 60 e decerto já ninguém se recorda deste acontecimento, que ocupou as conversas de toda a gente durante uns dias, e também do pobre Rendido, que pouco mais tempo durou.

Braga, 23 de Janeiro de 1957 *(continua)*

A. DE QUADRO FLORES.

DE COVAS

(RETARDADO)

Com vista ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Enfermagem

Chamam a nossa atenção para o facto das parteiras e enfermeiras terem poucos serviços particulares, pelo facto das «habilidosas» serem as preferidas por levarem uma insignificância pelos perfeitos (!) serviços de enfermagem.

Em contrapartida, as diplomadas têm de cobrar importâncias mais elevadas—e com razão—para manterem a posição, para isso estudaram e gastaram dinheiro, etc.

Realmente, nos pequenos centros, qualquer pessoa sabe (!) aplicar injecções e, muitas vezes, indicar medicamentos injectáveis, com grave perigo para os doentes. Assim como não é permitido aos farmacêuticos fazerem serviços de enfermagem e receitar medicamentos; assim como a lei não permite falsos médicos, porque se deixa trabalhar à-vontade as falsas parteiras e enfermeiras? Para que fim é o sindicato da classe? Também não se compreende que um enfermeiro diplomado precisando de tirar o Bilhete de Identidade lhe perguntem se anda com as cotas em dia.

Mas há mais: — Há tempos outro associado deste sindicato necessitava com urgência da carteira profissional, e como já demorava deslocou-se a Lisboa onde lhe disseram que já a tinham enviado para o Porto.

Dois dias depois procurava-a naquela repartição onde o informaram de que ainda não tinha chegado, com o que o associado não concordou. Depois de muitas evasivas sempre lhe entregaram a carteira.

Para estes casos chamamos a atenção do Sindicato N. dos Profissionais de Enfermagem, que tem por fim o estudo e a defesa dos interesses profissionais dos seus associados.

A propósito, não resistimos à tentação de transcrever a seguinte notícia:

Tinha conhecimentos de enfermagem mas faltava-lhe o diploma

«O sr. Adelino Lopes, de 55 anos, viúvo, industrial de barbearia, residente no Largo da Lavandeira, em Oliveira do Douro, que foi enfermeiro da Companhia de Saúde quando cumpriu o serviço militar, fazia, a muitas pessoas de Oliveira do Douro, pequenos mas bons serviços de enfermagem, tais como: curativos, aplicação de injecções, etc., isto, mesmo por indicação de médicos.

Mas foi denunciado e processado porque não tem o indispensável diploma, embora seja competente e conhecedor.

O julgamento realizou-se no 2.º juízo correccional, onde foram ouvidas várias testemunhas.

Provou-se que o arguido, muitas vezes, não cobrava quaisquer importância pelos tratamentos que fazia, tendo bastantes conhecimentos de enfermagem, tendo sido escolhido e apontado por vários clínicos aos doentes.

Foi condenado em 3 meses de prisão, remíveis a 10$00 por dia, 3 meses de multa a 10$00 também e 500$00 de imposto de Justiça,, pena suspensa por espaço de 2 anos, atendendo a todas as circunstâncias».

A quem de direito

O preço dos transportes para passageiros da camionagem e caminho de ferro entre a cidade e esta localidade é elavadíssimo e carece de revisão conscienciosa, conforme já temos dito. Por isso, pedimos providências ao Sr. Ministro das Comunicações, a fim de que o assunto importante mereça a devida atenção.

À Junta Autónoma das Estradas

Nesta localidade existe uma estrada que liga à aprazível estância turística da Penha — e ali se nota a falta da respectiva placa indicadora. Ora, os transtornos que a apontada omissão ocasiona são fáceis de calcular, não falando já no prejuízo de passageiros de certos *taxis* — que por aqui passam com destino ao pitoresco recinto e que, desconhecendo a estrada, vão a Guimarães, percorrendo assim maior quilometragem.

Para o caso chamamos a atenção da Junta Autónoma das Estradas.

Polvoreira

A Câmara Municipal resolveu canalizar a água até Covas, o que merece elogios.

O que não compreendemos é por que não se faz o mesmo na populosa freguesia de Polvoreira.

— Chegaram até nós as mais amargas queixas quanto à falta de arruamentos na freguesia de Polvoreira. De facto, não se compreende que tal aconteça e ninguém pense em remediar o mal.

O tempo passa e tudo vai continuando na mesma... Por isso mesmo à Câmara Municipal cumpre solucionar o problema e só dela dependerá tornar-se em realidade uma velha e justíssima aspiração dos habitantes desta freguesia. — *C.*

AUSTIN A95 WESTMINSTER

ALBERTO CARVALHO ARAÚJO & C.ª, Agentes no distrito de Braga dos Automóveis AUSTIN, anunciam que, a partir de segunda-feira, 4 de Fevereiro, se encontra exposto e patente ao Público

: : : o novo modelo : : :

Austin A95 Westminster

a maior e mais sensacional revelação de 1957 da indústria automóvel europeia, no stand de

JOSÉ ANTÓNIO MAIA DE CASTRO

SUB-AGENTE EM GUIMARÃES

Rua de Santo António

(em frente ao Correio)

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Tenente-Coronel Armando Nery Teixeira — *Faz anos no próximo sábado, dia 9, o sr. Tenente-Coronel Armando Nery Teixeira, ilustre Governador Civil do Distrito, a quem «Notícias de Guimarães» apresenta respeitosos cumprimentos de felicitações.*

Comendador Albano de Sousa Guise — *Faz anos no próximo domingo, dia 10, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, prestigioso membro da colónia portuguesa no Brasil e grande benemérito, a quem muito devem em dedicação algumas das principais instituições beneficentes de* **Guimarães.**

Ao aproximar-se o seu aniversário natalício enviamos-lhe o nosso abraço e as saudações mais afectuosas, fazendo sinceros votos pela continuação de sua preciosa saúde e prosperidades.

Prof. Abel Cardoso — *Também faz anos no dia 10, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Prof. Abel Cardoso, distinto Artista, a quem, por tal motivo, também e afectuosamente abraçamos, felicitando-o.*

Dr. Mariano Felgueiras — *Na 6.ª-feira próxima, dia 8, faz anos o nosso prezado amigo e antigo e ilustre colaborador, sr. dr. Mariano Felgueiras, advogado distinto que conta no meio vimaranense muitas simpatias conquistadas pelos seus dotes de inteligência e carácter.*

Felicitando-o, sinceramente, desejamos-lhe as maiores prosperidades.

Fizeram e fazem anos:

No dia 25 de Janeiro, o nosso bom amigo sr. Padre António do Carmo Salvador Ramos, capelão da Ordem de S. Domingos; no dia 28, mademoiselle *Maria Irene da Silva Teixeira, filha do nosso prezado amigo sr. José Maria Teixeira; no dia 29,* mademoiselle *Ana Adelaide Salazar de Sousa Lobo, de Ronfe; no dia 4, o nosso prezado amigo sr. Alberto Caetano de Almeida, residente no Porto; no dia 5, os nossos bons amigos srs. José Ramos Martins Fernandes, ausente no Brasil, Manuel Leite Pereira, Alfredo da Costa e Silva e as sr.as D. Camila Ramos, D. Rosalina Almeida, distinta professora oficial aposentada, e D. Almerinda de Sousa Cardoso, e a menina Maria Helena Gonçalves; no dia 6,* mesdemoiselles *Maria Albertina de Freitas Martins da Costa, Maria do Carmo Gonçalves Dias de Castro e Quitéria Glória Pereira e os nossos bons amigos srs. Manuel Joaquim da Cunha Machado e Alberto Gomes Alves; no dia 7, o nosso prezado amigo sr. eng.º Eleutério Martins Fernandes e Maria José; no dia 8, o nosso prezado amigo e conterrâneo Francisco Viriato de Castro Guise, distinto oficial da Armada; no dia 9, os nossos prezados amigos srs. Abílio Moreira Gonçalves, Manuel Martins Ribeiro da Silva, conceituado industrial, e António Augusto de Almeida Ferreira Júnior; no dia 10, os nossos prezados amigos srs. Inácio Ferreira da Costa, Manuel Simões Sobral, José Paredes, João Aires de Sousa Pereira Guimarães, da casa de Tarrio, José Joaquim Peixoto Guise, estimado chefe da Banda da S. F. V. e Abílio Dias Machado, da casa do Pinheiro, de Guardizela.*

«Notícias de Guimarães» *apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.*

*

No dia 27 de Janeiro, fez anos o menino José Albino Gonçalves Correia Natal e no dia 31 sua mãe a sr.ª D. Edite Margaride Gonçalves Correia Natal.

Os nossos parabéns.

Casamento

No pretérito domingo e no Santuário Eucarístico da Penha, consorciaram-se, a menina Maria José Machado Mendes da Costa Lameiras, filha do nosso prezado amigo sr. Constantino da Costa Lameiras e de sua esposa a sr.ª D. Beatriz Mendes da Costa Lameiras, e o sr. José Maria de Almeida, filho do sr. António Almeida Guimarães e de sua esposa a sr.ª D. Emília de Almeida, tendo testemunhado o acto o nosso prezado amigo sr. dr. José Pinto Rodrigues e sua esposa a sr.ª D. Joana Ferreira de Oliveira Rodrigues, padrinhos de baptismo da noiva, e conduziram as alianças a menina Maria Augusta e o menino Fernando, respectivamente sua irmã e primo.

Presidiu à cerimónia religiosa o rev. P.e Joaquim Bragança, capelão do Santuário, que na altura própria dirigiu aos nubentes uma formosa alocução.

Após a cerimónia religiosa e no Restaurante Jordão, foi oferecido aos convidados, um opiparo almoço, que deu ensejo a trocarem-se afectuosos brindes.

Aos noivos, que fixaram residência em Estarreja, desejamos as maiores venturas.

Nascimento

No Hospital da Misericórdia e após um parto laborioso, deu à luz uma criança do sexo masculino, a esposa do nosso prezado amigo sr. Armando M. Ribeiro (Bravo).

A parturiente vai experimentando sensíveis melhoras e a criança está bem.

Partidas e chegadas

De Lisboa, regressou à sua residência na Foz do Douro, o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

— Regressou de Lisboa o nosso bom amigo sr. Simão Martins da Costa.

— Com sua esposa tem estado em Estarreja, o nosso prezado amigo e conceituado industrial sr. José Mendes Ribeiro Júnior.

— Esteve nesta cidade, tendo regressado a Lisboa, o nosso prezado amigo sr. João da Silva Marques Júnior.

— Estiveram nesta cidade e deram-nos o prazer de sua visita, os nossos prezados amigos e distintos colaboradores srs. A. L. de Carvalho e A. Garibáldi.

— Com suas esposas estiveram nesta cidade, os nossos prezados amigos srs. Pedro Pereira de Freitas e Eduardo Pizarro de Almeida.

— Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. Lino Simões, funcionário superior do Banco Português do Atlântico, que tivemos o prazer de abraçar.

— Esteve nesta cidade e deu-nos o prazer de sua visita, o nosso prezado amigo e distinto professor do Conservatório de Música do Porto, sr. José Neves.

— Também cumprimentamos nesta cidade, os nossos bons amigos srs. Abílio Ferreira de Oliveira, importante industrial em S. Martinho do Campo, e José Soares Barbosa de Oliveira, residente em Viana do Castelo.

— Regressaram de Lisboa os nossos bons amigos srs. António José Trindade e sua esposa, Domingos Mendes e João de Oliveira.

— Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo e conceituado comerciante no Porto, sr. Manuel Rodrigues Leite.

Doentes

Vimos já completamente restabelecido o nosso prezado amigo sr. Francisco Alberto da Cunha Guimarães.

— Tem passado doente o nosso prezado amigo e distinto Colaborador sr. José Maria Pinto de Almeida, de Lordelo.

— Esteve bastante doente, mas já se encontra, felizmente, em vias de restabelecimento, a sr.ª D. Rosalina de Almeida.

— Tem passado doente a menina Maria Helena da Cunha Pinto, filha do sr. António de Sousa Pinto.

— Encontra-se melhor dos seus incómodos o nosso prezado amigo sr. Fernando Ribeiro Mendes Oliveira.

Desejamos o breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Falec. e Sufrágios

Missa por alma de D. Carlos e de D. Luís Filipe

Por iniciativa de um grupo de Monárquicos, foi celebrada no dia 1 e no templo da Misericórdia, às 11 horas, uma missa por alma do Rei D. Carlos e do Principe D. Luís Filipe, comemorando o 49.º aniversário do Regicídio.

O acto registou grande concorrência.

Herculano de Matos

Na sua residência à rua de Camões e contando 58 anos de idade, finou-se na 2.ª-feira, após cruciantes e prolongados sofrimentos, o sr. Herculano de Matos, funcionário da Cooperativa «A Económica Vimaranense».

O extinto, que pertenceu aos Corpos Gerentes da extinta Associação de Classe dos Empregados do Comércio, prestou à mesma relevantes serviços e foi um apaixonado elemento da antiga Marcha Milanesa, hoje Marcha Gualteriana.

O seu funeral, que teve a assistência de muitos amigos do saudoso extinto, efectuou-se na 4.ª-feira, para o cemitério Municipal.

Paz à sua alma.

D. Júlia Torcato da Silva Mendes

Missas do 1.º aniversário

Seu marido e mais família, mandam celebrar na próxima 5.ª-feira, 7 do corrente, às 8 horas, na capela de S. Domingos, um terno de Missas pelo eterno descanso da querida extinta e agradecem a todas as pessoas das suas relações e amizade, o favor da sua comparência a este piedoso acto.

Fernando José Gomes Soares de Oliveira

Passando na 3.ª-feira, dia 5, o quinto aniversário do seu falecimento, seu pai, o sr. Manuel Gomes de Oliveira, manda celebrar uma missa, às 8 horas, por sua alma, na igreja paroquial de S. Sebastião (Dominicas).

Vida Católica

Congregação de Maria Imaculada (Homens)

Realiza-se hoje, na Basílica de S. Pedro, a festa anual em honra da Virgem Imaculada, com o seguinte programa:

Pelas 8 horas, Missa solene acompanhada de cânticos a vozes e harmónium e comunhão geral; de tarde, pelas 15 horas, admissão de novos aspirantes e congregados, seguindo-se a posse dos novos dignatários, exposição solene do Santíssimo, sermão, consagração a Nossa Senhora e Bênção do Santíssimo.

Festa da Sagrada Família

Precedida dum triduo, que principiou na passada sexta-feira, realiza-se hoje, no Santuário de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, à rua de Francisco Agra, uma linda festa em honra da Sagrada Família, constando, de manhã, às horas habituais, missas e comunhão geral e, de tarde, exposição, terço, conferência, bênção e hino da Sagrada Família, sendo no final distribuída uma linda estampa a todas as pessoas presentes e consagração das famílias.

Pia Associação dos Amigos do Sagrado Coração de Jesus

A direcção desta Associação, manda celebrar uma missa na igreja de Nossa Senhora da Oliveira, pelas 8 horas, no próximo dia 5, em sufrágio do seu saudoso Vice-Presidente, sr. António Antunes da Cunha. A direcção agradece a comparência dos seus associados, bem como das pessoas amigas do saudoso finado.

Imponente festividade a S. Sebastião dos Milagres

Decorreu com grande esplendor litúrgico a festividade que se realizou, no domingo, na paroquial de S. Sebastião em honra do Orago da freguesia.

Durante as solenidades, tanto de manhã como de tarde, o templo, que ostentava uma luxuosa decoração da Casa Eugénio & Novais e se via profusamente iluminado, esteve repleto de fiéis, tendo sido a parte coral desempenhada pelo Grupo Sacro de Santa Cecília, sob a regência do maestro sr. António Guise, com acompanhamento de grande orquestra.

O panegírico do Milagroso Santo foi feito pelo Rev. Dr. Alvaro Dias, professor do Seminário de Braga, que proferiu um brilhante sermão.

S. João de Brito

Amanhã às 7,30, na Capela de Santa Vera Cruz, será rezada uma Missa em honra de S. João de Brito.

Diversas Notícias

Um tiro de pedreira atingiu um prédio em Pevidém

Quando o operário José de Miranda, casado, de 47 anos, da freguesia de S. Romão de Mesão-Frio, deste concelho, trabalhava num caminho público em S. Jorge de Selho (Pevidém), ao fazer explodir um tiro de pedreira, os estilhaços foram atingir o prédio de habitação junto à fábrica do sr. Francisco Machado Ribeiro Guimarães e pertencente ao mesmo conceituado industrial, causando-lhe alguns prejuízos materiais.

Felizmente que se não registaram desastres pessoais.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia da Praça, à Rua de Paio Galvão, Telef. 40407.

Motom Motorizada VENDE-SE em estado de nova (900 km.). Falar na Rua de Santo António, 109 A. 64

HOMENAGEM MERECIDA

No domingo, 13 de Janeiro, os operários da Fábrica de «Malhas Ninfa», desta cidade, promoveram uma homenagem íntima aos seus estimáveis patrões, sr.ª D. Ermelinda da Conceição Rodrigues Machado e seu marido, sr. Manuel Simões Sobral, a qual decorreu com animação.

Eram precisamente 10,45 horas quando deram entrada na fábrica os homenageados e logo uma estrondosa salva de palmas anunciou as suas presenças a todas as pessoas para o fim convidadas. Numa dependência da fábrica, onde para o efeito se encontrava um palco devidamente preparado e adornado, deu-se início à sessão, sendo a mesma aberta pelo ajudante de guarda-livros da fábrica, sr. Eduardo da Silva Novais, que discursou sobre o porquê da homenagem que ia seguir-se, acabando por agradecer a comparência de todos os convidados, que desta maneira vieram dar maior brilhantismo e intimidade à festa. Seguidamente o menino José Manuel, filho da encarregada da secção de costura, procedeu ao descerramento das fotografias dos homenageados, enquanto por duas meninas eram lançadas sobre as mesmas inúmeras pétalas de flores e por toda a sala ecoavam salvas de palmas. Dentro da maior alegria e na mais perfeita harmonia, subiram alternadamente ao palco as operárias Maria Carolina e Elvira para declamarem as poesias «Parabéns» e «Malhas Ninfa», da autoria do distinto poeta vimaranense Jerónimo de Almeida, as quais foram muito aplaudidas. Depois a operária Teresa de Jesus, em breves palavras enalteceu as virtudes dos homenageados, e o operário Albano Fernandes historiou o começo da fábrica, que começando por pequenina é hoje uma certeza entre as indústrias da nossa terra. Seguiu-se depois a representação do dueto cómico «O 39 da 4.ª» e a engraçada comédia «Por causa de um sobretudo», representadas pelo empregado Arnaldo & C.ª e por rapazes da J. O. C. da Oliveira, que no final foram aplaudidos.

Pelo afilhado dos homenageados, menino Alberto, foi entregue aos mesmos um lindo ramo de cravos, que ostentava numa fita de seda a legenda: «Homenagem dos operários das Malhas Ninfa, 13-1-957, acto que foi sublinhado com calorosa salva de palmas.

Muito comovidos, subiram ao palco os homenageados, que em palavras simples e leais agradeceram aos seus operários a homenagem de que tinham sido alvos, prometendo futuramente ajudá-los em tudo que fosse necessário e estivesse ao seu alcance.

Noutra dependência da fábrica, ornamentada com gosto, foi servido um opípero «Copo de Agua» a todos os convidados, onde se seguiram os brindes, terminando o mesmo com um viva às «Malhas Ninfa».

UM APELO

Um pobre hamem, casado e com 6 filhos, vivendo na miséria, sem trabalho e com doenças, pede-nos que lancemos um apelo om seu favor. Reside em Pinheiro, mas em breve terá de abandonar a casa que habita.

Merece, realmente, ser auxiliado, pelo que o recomendamos aos nossos leitores e amigos.

Letra extraviada

A firma CARLOS DE LEMOS, com Oficina de Cutelarias, no lugar de Novais, freguesia de Gondar — Pevidém, gratifica a quem entregar uma letra aceite do J. F. S. Romeiras Paluna, que se extraviou possìvelmente nas caixas do correio, desde o dia 24 do mês findo, na importância de 4.350$00.

DESPEDIDA

Julieta Manuela de Sepúlveda Almeida Barreira Baião e seu marido *Raúl Sepúlveda Baião*, tendo retirado para Luanda, onde vão fixar residência, e na impossibilidade de se despedirem directamente de todas as pessoas das suas relações, servem-se deste meio para o fazer e oferecerem os seus préstimos naquela Província Ultramarina.

Pedem desculpa e agradecem todas as provas de amizade com que os distinguiram.

Guimarães, 24 de Janeiro de 1957. 65

1.200.000$00 Empresta-se sobre hipotecas, fraccionadamente. Só se trata com o próprio. Carta a esta redacção, iniciais N. C. 58

CHÁS MEDICINAIS «HERBIS»

Usados na Alemanha há cerca de 50 anos

HERBIS N.º 1 Dissolvente do ácido úrico	HERBIS N.º 4 Azia e más digestões	HERBIS N.º 8 Fígado e vesícula
HERBIS N.º 2 Regularizador da Circulação	HERBIS N.º 5 Contra bronquites	HERBIS N.º 9 Contra o hemorroidal
HERBIS N.º 3 Depurativo do sangue	HERBIS N.º 6 Nervos e insónias	HERBIS N.º 10 Tónico do coração
	HERBIS N.º 7 Rins e bexiga	HERBIS N.º 11 Laxativo suave

PACOTES DE 100 GRAMAS

Preparados exclusivamente com plantas medicinais segundo fórmulas do Dr. E. Richter, de Munich 98

Dr. José Maria Domingues dos Santos

Advogado 15

ESCRITÓRIO: Avenida Conde de Margaride — GUIMARÃES.

Para BOBINAGENS de:

MOTORES
DÍNAMOS
AUTOMÁTICOS
RESISTÊNCIAS, etc., consultem 9

J. MONTENEGRO — Largo 28 de Maio, 78-1.º — Telef. 4510.

Notícias de Guimarães n.º 1310 — 3-2-1957

COMARCA DE GUIMARÃES
Secretaria Judicial

ANÚNCIO

1.ª publicação

Pela segunda secção do segundo Juízo de Direito desta comarca de Guimarães correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos da executada «Docélia, Limitada», com sede no Largo do Toural, desta mesma cidade de Guimarães para, no prazo de dez dias, posterior àquele dos éditos, deduzirem os seus direitos nos autos de Acção de Despejo, em execução de sentença, que Fernando José de Freitas Pastor, solteiro, metereologista, morador na Avenida João Crisóstomo, número três C-segundo, Esquerdo, da cidade e comarca de Lisboa, e outros movem contra a aludida firma, conforme preceitua o art.º 865.º do Código de Processo Civil.

Guimarães, 1 de Fevereiro de 1957.

O Juiz de Direito,

a) *Francisco Mendes Barata dos Santos.*

Pelo Chefe de Secção, 63

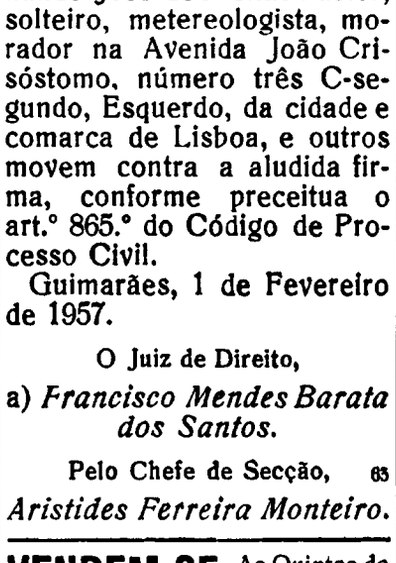
Aristides Ferreira Monteiro.

VENDEM-SE As Quintas da Estrada e Pousada, na freguesia de Gondar. Falar com Agostinho Sousa Castro — Rua de Santa Escolástica, 49 — Foz do Douro. 51

Vendam-se duas propriedades, servidas por estrada, em Moreira de Rei — Fafe: a do Assento (junto à Igreja) e a do Outrelo (Marinhão).

Tratar com João Marinho Novais, em Carvalho — Celorico de Basto. 67

Salvé 3-2-957



Passando hoje o 50.º aniversário natalício do Sr. João Xavier de Carvalho, sua esposa e filhos felicitam-no, aqui lhe deixando o seu afectuoso abraço, a par das preces que dirigem ao Altíssimo pela conservação de sua preciosa vida.

Teatro Jordão

APRESENTA

HOJE, ÀS 15 E ÀS 21,30 HORAS

VIDAS SEM RUMO

com Eugénio Salvador e Milu

Um filme português real e humano!

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

TERÇA-FEIRA, 5 — ÀS 21,30 HORAS

METROSCOPE

O RESGATE

com Glenn Ford e Donna Reed

(Espectáculo para maiores de 13 anos)

QUINTA-FEIRA, 7 — ÀS 21,30 HORAS

PARIS PALACE HOTEL

TECHNICOLOR

com Charles Boyer e Francoise Arnoul

Uma das obras mais notáveis do cinema francês!

Espectáculo para maiores de 13 anos

SÁBADO, 9 — ÀS 21,30 HORAS

O BURACO NA PAREDE

com George Montegomery e Maria Windsor

No sumptuoso filme em technicolor de acção constante!

41 Espectáculo para maiores de 18 anos

hérnia

O célebre especialista Internacional

INSTITUT HERNIAIRE DE LYON

garante-vos o sucesso rápido e definitivo, graças ao método moderno, sem mola e sem pelota

MYOPLASTIC-KLÉBER

Leve, ligeira, lavável, este verdadeiro «músculo de socorro» reforça a parede abdominal e contém a hérnia no seu lugar

Como se fosse com as mãos

VINDE FAZER UM ENSAIO, FICAREIS MARAVILHADOS.

GUIMARÃES — Farmácia Hórus — Largo do Toural, DIA **9** DE FEVEREIRO.

BRAGA — Farmácia Roma — Rua dos Chãos, 111, DIA **5** DE FEVEREIRO.

VILA NOVA DE FAMALICÃO — Farmácia Carvalho — Rua de Santo António, DIA **6** de FEVEREIRO. 57

ZÓZIMO S. RAMOS

Médico

Consultas (*apenas sobre Doenças de Pele*), aos sábados e domingos, com hora marcada, em BRAGA (R. S. Marcos, 127).

Loja com cave Aluga-se no Largo 1.º de Maio, n.os 15 a 21. Falar com Jacinto Arantes Gonçalves, na Rua Dr. Alfredo Pimenta. 718

Prédio Vende-se, na Rua de Francisco Agra, n.os 157 a 159, com água, luz, quintal, Falar no próprio. 55

Vende-se PRÉDIOS Um de 3 andares, estando estes devolutos, tendo só o rés do chão arrendado; outro de 2 andares, com quintal, estando todo arrendado, podendo-se entregar o 2.º andar no caso de interessar ao comprador; um outro prédio pequeno, estando arrendado. Todos os prédios estão dentro da cidade.

Informa-se nesta redacção 59

DESPORTO

A MAIOR DERROTA

Foi verdadeiramente decepcionante, para os vimaranenses, a derrota sofrida pela sua equipa no jogo do último domingo. E foi-o, principalmente, porque se criara um ambiente de euforia em consequência dos óptimos triunfos ùltimamente obtidos.

A derrota sofrida é de facto decepcionante pelo volume do resultado, pouco vulgar nos jogos entre os dois rivais minhotos, mas não representa diferença de categoria entre os dois contendores, pois, analisada a tabela da classificação, o Vitória ainda tem 32 pontos contra 30 do seu adversário e no golo-avarage, os números são, respectivamente, de 61-27 e 57-23, isto é, de igualdade absoluta

Derrota, verdadeiramente derrota, entre os dois velhos adversários minhotos, foi o teatro da luta, pois enquanto no jogo da primeira volta, onde o Vitória triunfou por 1-0, este se jogou no magnífico «Estádio 28 de Maio», o de agora, com a derrota copiosa dos vimaranenses, foi disputado no rudimentar e primitivo Campo da Amorosa.

Temos exposto, das mais diversas formas, nesta secção desportiva, as razões que justificam um Estádio Municipal. O jogo do último domingo veio-nos porém aumentar os argumentos que justificam ele ser urgente e cada vez mais necessário. Enquanto, na primeira volta, se jogou num Estádio amplo e relvado, o último encontro disputou-se num terreno cheio de sulcos, lamacento e revolto, incapaz quase da prática de futebol harmonioso.

Não escrevemos isto no sentido de justificar uma derrota, que foi estrondosa, pois o campo era igual nas suas características para os dois adversários. Lembramos, entretanto, o facto, porque enquanto os bracarenses sistemàticamente se preparam no seu óptimo terreno relvado, os vimaranenses têm de treinar no impróprio rectângulo da Amorosa, sempre cheio, consoante o tempo, de lama ou de poeira, o que é impeditivo para um bom adestramento, de tal maneira que, na semana que antecedeu o encontro do último domingo, o Vitória só pôde realizar uma sessão de preparação em virtude das chuvas que caíram durante ela.

Por outro lado, as receitas dos jogos da Amorosa nunca podem atingir os quantitativos obtidos no Estádio de Braga. No domingo passado tivemos uma assistência das maiores de todos os tempos, mas é de perguntar como seria o volume da receita se se tivesse uma bancada ampla, que albergasse assistentes em número elevado, não criando aos dirigentes do Clube local os problemas complexos que tiveram ainda no passado domingo, para acomodarem aqueles que compraram os poucos lugares que para ela foram postos à venda.

O Vitória teve anos e anos consecutivos o predomínio do futebol minhoto, de tal maneira que foi seu representante permanente na prova maior do futebol português, quando este direito era obtido através da classificação dos campeonatos regionais. O valioso Sporting de Braga sòmente conseguiu igualar o nosso mérito quando obteve a preciosa dádiva do «Estádio 28 de Maio», meio mais que eficiente para o seu progresso e engrandecimento. Repare-se, portanto, no esforço que tem sido necessário dispender para se viver nas circunstâncias de igualdade que são aquelas que, presentemente, existem entre os dois clubes.

No jogo do último domingo estiveram presentes os Presidentes das Câmaras Municipais de Braga e Guimarães, tendo assistido ao encontro num remedeio de camarote, construído em táboas já meio carcomidas, no rés-do-chão da bancada. Se este encontro se tivesse realizado no magnífico Estádio de Braga, a presença, altamentete honrosa para o Desporto, dos dois Presidentes estaria emoldurada por uma magnífica tribuna de granito, situada acima de todo o público, donde se podem divisar os melhores horizontes para o progresso desportivo.

Esta foi a maior derrota dos desporitstas de Guimarães, muito superior aos 3-0 da contenda, que foram resultado de sorte momentânea do jogo, que é afinal o futebol.

UM DE NÓS.

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 0 — S. Braga, 5

A sorte do jogo preparou um resultado excessivamente anormal

O futebol, como jogo contingente que é, não permite ajuizar, pelo resultado dum encontro, o valor de duas equipas que têm de disputar entre si uma supremacia que é o aliciante, mais em evidência, dos desportistas da região.

O jogo Vitória-Braga era um encontro de fundamental importância, dissemo-lo nós no nosso último comentário, principalmente para a equipa da cidade dos Arcebispos.

Esta encarou-o, portanto, com todos os cuidados, vindo couraçada contra todas as contrariedades, ao contrário da local, que desceu ao campo da contenda rodeada dum ambiente optimista em excesso, o qual lhe foi manifestamente prejudicial.

Uma equipa, encarando um jogo como difícil, recebe qualquer contratempo como mais uma contrariedade a vencer, mas outra que o encara como sendo um encontro sòmente mais a disputar, convicta da sua capacidade, recebe a mesma contrariedade de maneira diversa, ficando diminuída por complexos insuperáveis.

Foi isto fundamentalmente o que aconteceu no domingo passado. O Sporting de Braga, cheio de preocupações, viu na lesão de Costa uma facilidade para a luta, e o Vitória, ao contrário do seu antagonista, sentiu que a mesma lesão podia ser a queda de todas as suas aspirações quanto ao encontro.

Deste diferente estado de espírito, alcançado logo no primeiro minuto de jogo, resultou aquilo a que chamamos a causa da anormalidade do seu resultado.

Um jogo como este representa sòmente uma parcela na marcha do torneio e, por isso, há de encarar o futuro com o optimismo resultante dum passado que, pelo valor que contém, vale bem mais do que tudo que se possa predizer como funesto.

*

O encontro do último domingo, foi de superioridade dos bracarenses, não haja dúvida alguma. O mérito da sua exibição não merece controvérsia, por aquilo que temos de escrever de seguida, que foi de fundamental importância para a resolução da partida. Porém temos de considerar o resultado de 5-0 como anormal, onde a sorte influiu decisivamente, não dando, num momento sequer, tréguas para com o Vitória.

Além da lesão já mencionada de Costa, logo no primeiro instante do jogo, o Vitória perdeu o direito à igualdade, com jogo equilibrado nesse momento, por a trave ter defendido um pontapé de Barros. No início da segunda parte os vimaranenses levaram, pela força do seu domínio, o seu adversário a utilizar táctica verdadeiramente defensiva e, durante esse período de tempo, a oportunidade de marcar foi-nos muito mais favorável do que aos bracarenses. Perdida nova bola contra a trave, desta vez por Ernesto, seguiu-se a grande penalidade, certamente escusada, de Silveira, que ditou a queda da nossa equipa para uma goleada que não é normal para o valor relativo dos dois contendores.

E já não falamos na arbitragem, que consideramos verdadeiramente maligna...

*

Ficha do jogo — *Vitória:* Lobato, Virgílio e Costa; Cesário, Silveira e Auleta; Bártolo, Barros, Ernesto, Rola e Benje. *Braga:* Cesário, Antunes e José Maria II; Passos, José Maria I e Armando; Baptista, Ferreirinha, Velez, Jorge e Fernando Mendonça. Arbitrou, Mário Garcia, de Aveiro.

Os golos bracarenses foram obtidos, dois por Fernando Mendonça e os restantes por Velez, Jorge e Ferreirinha.

*

Resultados gerais da jornada: Vitória, 0 - Braga, 5; Tirsense, 1 - Salgueiros, 4; Peniche, 4 - Marinhense, 1; Gil Vicente, 3 - Boavista, 1; Vianense, 2 - Sanjoanense, 0; Leixões, 7 - Espinho, 1 e Chaves, 3 - U. Coimbra, 0.

* * *

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Marinhense - Vitória; U. Coimbra - Tirsense; Salgueiros - Gil Vicente; Boavista - Peniche; Braga - Vianense; Sanjoanense - Leixões; e Espinho - Chaves.

O Vitória desloca-se à Marinha Grande pela primeira vez, em competições, indo defrontar um adversário que, no seu campo, luta desesperadamente pelo resultado de um encontro. Acreditamos, porém, na capacidade da nossa equipa, de modo a conseguir um resultado que permita a tranquilidade aos seus numerosos adeptos que certamente não deixarão, mesmo em número reduzido, de a acompanhar nesta deslocação.

L. R.

Campeonato Regional de Reservas

A fase-final deste torneio começou no domingo passado, tendo o Sporting de Braga, no seu campo, triunfado do Vianense por 5-0 e ficado adiado o jogo Vitória-Gil Vicente, a pedido do nosso Clube, dada a incerteza do tempo e o perigo do piso do Campo da Amorosa detiorar para o jogo da tarde.

Hoje joga-se a segunda jornada, deslocando-se a Braga a equipa do Vitória, para defrontar o grupo local, e a Barcelos, a do Vianense para jogar contra o Gil Vicente.

PROSA ALHEIA

Sempre que encontramos um assunto devidamente desenvolvido, de modo a ser aplicado, pela sua doutrina, ao nosso meio, gostosamente o transcrevemos nesta secção, para ser apreciado pelos nossos habituais leitores. Hoje trascrevemos uma nota de abertura, da secção desportiva do «Comércio do Porto», que entendemos da maior oportunidade, pelo seu conteúdo.

COMENTÁRIO...

Está na moda o «Dia do Clube», um pretexto para angariação de receita extraordinária, mais ou menos importante; mas sempre valiosa. As colectividades dedicadas ao futebol — o único desporto que pode permitir estas inovações — melhoram, assim, o seu orçamento.

Evidentemente, este sistema nada tem de censurável antes o julgamos muito simpático, demais que divide a contribuição e é posto em prática sem sacrifícios para ninguém, visto a verba a pagar estar, naturalmente, ao alcance de todos.

Ressuscita-se a velha parábola dos vimes, com a mesma finalidade, porquanto põe em actividade o caso da cooperação mútua, dentro da velha máxima de que onde todos pagam nada é caro. Tendo em conta a verba fixa da quotização, tem de reconhecer-se, também, que só os grandes clubes podem apoiar-se e, mesmo assim, de certo modo, neste motivo de luxo fora do alcance das pequenas agremiações de massa associativa proporcionalmente reduzida e com o pormenor das receitas dos jogos igualmente frouxas. Logo, carecem de juntar todos os recursos e aproveitar todas as oportunidades para enfrentarem os encargos que pesam sobre si de maneira permanente. Dentro deste plano, o «Dia do Clube» tem função importante, não apenas sob o aspecto material, embora agradável; mas também pelo excelente pretexto de demonstração de carinho pelo clube e do desejo de que ele possa enfrentar vitoriosamente todas as exigências, que são muitas, como dizemos.

Pode haver entre os associados quem discorde, julgando suficiente a quota paga mensalmente; mas esses estão em erro e pecam, inclusivé, por mau julgamento. A quota constitui sempre parte mínima, de modo geral compensada, com margem, pela série de jogos a que o associado pode assistir sem mais encargos. Mesmo que assim não fosse, é preciso ter em conta que o grau de dedicação do associado teria medida insuficiente se o julgassem apenas sob este ângulo. Há sempre necessidade de maior contribuição, tendo em boa conta a tarefa extraordinária dos dirigentes, os mais alvejados. E por isso mesmo merecem colaboração cifrada nesta e noutras iniciativas.

FIBRA ARTIFICIAL

PHRIX

Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.da

R. Cândido dos Reis, 74-2.º

TELEF. {Est. 17 / Comp. 21 404 PORTO

Cadela Desapareceu uma cadela que dá pelo nome de «Leça», branca com malhas pretas. Gratifica-se quem a entregar em casa de Adelaide Marques Lopes de Barros, na Avenida Conde de Margaride. 54

Guardizela

Interesses de Guardizela

Os nossos caminhos

Não tencionávamos ocupar-nos tão cedo, até pela inoportunidade do momento, de assuntos mais ou menos transcendentes, e muito especialmente dos nossos caminhos, cujo estado de conservação é muito de desiludir, mas diversos leitores do nosso jornal reclamam a nossa presença e consequentemente aqui estamos.

Na verdade Guardizela carece de uma total reparação nos seus caminhos, alguns dos quais estão absolutamente arruinados e por onde só muito dificilmente se passa — isto em tempo de Verão, porque no Inverso são, na rigorosa acepção da palavra, intransitáveis.

Esta freguesia merece que quem de direito volva os olhos para si, a fim de algo se ir remediando, pois que além do estado pouco decente em que as nossas vias de comunicação se encontram, outras anomalias de aspectos diversos existem, e das quais nesta campanha em favor das *Necessidades de Guardizela* nos ocuparemos ulteriormente.

Na nossa primeira crónica, a propósito do assunto que hoje tratamos, focámos aqui apenas um caminho — o do Lamaçal —, o mais deplorável, crónica aquela que, ao que parece, não surtiu algum efeito. Hoje não é o do Lamaçal, nem outros — são todos, ou quase todos.

Ora, para que este grande mal venha a ter, mesmo ao de leve e com lentidão, a sua justa rectificação, afigura-se-nos — e a mais alguém —, que bastaria que a nossa Câmara Municipal nos concedesse a verba do Imposto de Trabalho (dinheiro que se paga para caminhos) que aqui é colhido.

A' edilidade concelhia aqui deixamos, portanto, as nossas paupérrimas considerações, certo de que as mesmas merecerão daquela instância o mais consciencioso estudo.

Rectificação

Além de algumas gralhas, que só podemos dever à nossa péssima caligrafia, cujo conteúdo os senhores tipógrafos muitas vezes terão de adivinhar para encherem o compenedor, a nossa última carta saiu com uma lamentável errata, que por obrigação passamos a rectificar.

Assim, ao focarmos as novas Escolas Primárias de Guardizela, dissemos, erradamente, que o terreno para as mesmas havia sido oferecido pelo sr. José Alves Dias Machado, que também é um grande benemérito, e por isso o seu nome figura nos nossos registos como tal, e foi isso o motivo da confusão, quando afinal o referido terreno foi oferecido pelo benemérito sr. Adelino Ribeiro de Abreu, de S. Martinho de Candoso, e pela benemérita sr.ª D. Maria Celeste Araújo Abreu, desta freguesia.

Pois o sr. José Machado nem tão pouco possue quaisquer terrenos junto das referidas escolas.

Que o sr. Adelino Ribeiro de Abreu e a sr.ª D. Maria Celeste Araújo de Abreu, nos perdoem o deplorável lapso.

Correio

Vasco, Guardizela — A rectificação que teve a gentileza de nos lembrar seguiu para o «Notícias» a tempo de ser publicada no último número, e só não o foi por absoluta falta de espaço com que este jornal luta. Com a boa vontade do chefe de Redacção do nosso jornal, vê-la-á no presente número.

As nosssa desculpas e os nossos respeitosos cumprimentos.

Ferreira, Lordelo — A sua carta não pôde ser publicada — não pelo teor do assunto, que era dum interesse especial para a sua e nossa terra, mas por outras razões.

Sempre que tenha assuntos do mesmo género ou doutros de interesse comum, pode enviar, mas faça-o no próprio momento, aliás é muito incerta a publicação.

Damos-lhe os nossos parabéns humildes pelo dinamismo que o caracteriza e... desculpe.

David e António — E', realmente um absurdo, só poderem receber o nosso «Notícias» aos sábados, isto é, quase uma semana depois da publicação do jornal.

Ora sendo pelos motivos que alegam, a partir de hoje o vosso jornal passará a vir para a nova caixa de correio, que é no estabelecimento do sr. Adelino Ribeiro, em Penso, onde, todas as semanas, o podem procurar.

CARTAZ

O Teatro Narciso Ferreira, de Riba d'Ave, apresenta hoje, às 15 e 21 horas, *Destinos*.

— Na sede do C. R. P., de Riba d'Ave, realiza-se hoje, às 15 e 21 horas, uma sessão de cinema em benefício das Missões Franciscanas Portuguesas. — *C.*

N. da R. — Recebemos uma carta do nosso prezado amigo sr. José Alves Dias Machado, estimado proprietário em Guardizela, em que, a propósito duma correspondência aqui publicada no dia 20 de Janeiro, nos diz:

«Levo ao seu conhecimento que na Secção *Guardizela*, publicada no jornal que V.... dirige, veio uma notícia que não condiz com a verdade e por tal rogo a sua rectificação: nela diz, referindo-se às novas escolas desta freguesia, que eu teria oferecido o terreno para a construção. Como eu não possuo terreno, nem no sítio onde elas foram edificadas nem nas imediações, não podia fazer tal oferta. Ofereci, sim, uma nascente de água que possuo e o terreno para edificação do fontenário e tanque com os respectivos lavadouros. Rogo, pois, ao meu Ex.mo Amigo o favor de fazer publicar a rectificação, pois o que é de César a César.»

AUTO-RODOVIÁRIA DO MINHO

DE

Amândio de Oliveira

EXCURSÃO A LISBOA

Partida: Dia 16 de Fevereiro, às 13 horas
Regresso: Dia 19 de » , às 14 horas

Para assistir ao desafio Porto-Belenenses e à chegada da Rainha Isabel II a Lisboa

Preço: 130$00

Aceitam-se inscrições na Cervejaria Martins com telef. 4330 ou no escritório da Empresa, na Rua da Caldeiroa, 2/4, telef. 40246

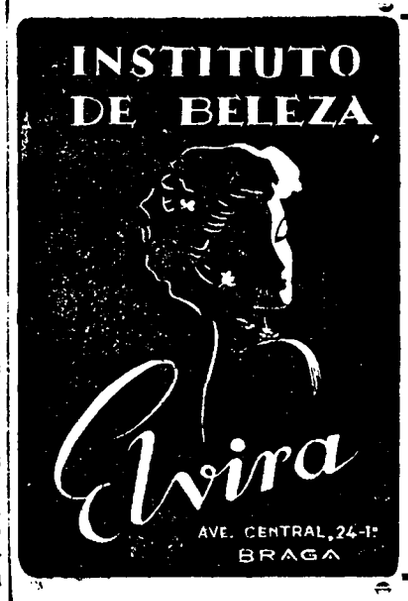
GUIMARÃES

Antes de Viajar...

... consulte sempre a «Intercontinental»
— e «poupará tempo, arrelias e dinheiro»!
A «Intercontinental» reune secções especializadas de:
Passagens de avião, navio e combóio,
em qualquer companhia e para qualquer destino;
Passaportes individuais e colectivos;
Vistos consulares;
Organização de excursões dentro e fora do país;
Seguros e fotocópias
Moedas e notas de qualquer país
Papéis de crédito e cupões

Agência de viagens «INTERCONTINENTAL»

8, Rua Ramalho Ortigão — Telef. 20235 e 30011 — PORTO
(Ao cimo da Av.ª dos Aliados) 528



A UNICA CASA DO GÉNERO EM

BRAGA

Massagista completa e extracção de pelos por electro-coagulação.

Marcações pelo 657

TELEFONE 2858

Canetas de Tinta permanente

Completo sortido de todas as marcas e para todos os preços

Vendas a pronto e a prestações com bónus

CASA DAS NOVIDADES

RUA DA RAINHA Telef. 4350 GUIMARÃES

A's Confeitarias, Padarias, Congregações religiosas, etc.

Forno Eléctrico

Vende-se para pronta entrega, novo, por metade do seu valor.

Para ver e tratar: — Travessa Passos Manuel, 17 — PORTO. Telef. 27619. 47